

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA LITORAL NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

LETICIA SANTOS PINHEIRO

**O APOIO À INCLUSÃO ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

OSÓRIO

2024

LETICIA SANTOS PINHEIRO

**O APOIO À INCLUSÃO ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Venites
Sardagna

OSÓRIO

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P654a Pinheiro, Leticia Santos

O apoio à inclusão escolar para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil / Leticia Santos Pinheiro; orientação: Prof.^a Dr.^a Helena Venites Sardagna. - Osório/RS, 2024.

57 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Pedagogia (Licenciatura), Osório/RS, 2024.

1. Educação Infantil. 2. Educação Inclusiva. 3. Transtorno do Espectro Autista (TEA). I. Sardagna, Helena Venites. II. Título.

LETICIA SANTOS PINHEIRO

**O APOIO À INCLUSÃO ESCOLAR PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Venites
Sardagna

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professora Dr.^a Helena Venites Sardagna - Orientadora

Professora Dr.^a Carolina Gobbato

Prof.^a Ma. Dolores Schussler

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por conceder-me força, sabedoria e perseverança para enfrentar os desafios e superar as dificuldades ao longo deste processo. Sua graça e misericórdia foram a minha âncora nos momentos de incerteza e dúvida. Reconheço que esta conquista não seria possível sem a sua bênção. Toda Honra e Glória a Deus!

Agradeço também aos meus pais, Cláudio e Josiane, cujo apoio foi fundamental para a realização deste trabalho. Suas palavras de encorajamento, sacrifícios e amor foram a força motriz por trás de cada conquista e desafio enfrentado ao longo deste caminho. Sem o seu apoio constante e orientação, esta jornada teria sido muito mais difícil. Sou eternamente grato por tudo que fizeram por mim.

Minha mais profunda gratidão ao meu marido, Gilson Rosa Pinheiro, por seu apoio inabalável e amor incondicional ao longo desta jornada. Suas palavras de encorajamento, paciência e compreensão foram fundamentais para me manter focada e determinada a alcançar meus objetivos. Mesmo nos momentos mais desafiadores, você esteve ao meu lado, oferecendo seu apoio e conforto. Sou verdadeiramente abençoada por ter você como meu parceiro de vida e meu maior apoiador. Obrigada por ser a minha rocha e por estar sempre presente. Este trabalho é dedicado a você, com todo o meu amor e gratidão.

Gratidão aos meus amados avós, Paulo e Sirlej, pelo seu amor infinito, sabedoria e apoio ao longo desta jornada acadêmica. Suas histórias inspiradoras, valores familiares e encorajamento constante foram uma fonte de força e motivação para mim. Agradeço por todos os sacrifícios que fizeram para me proporcionar as oportunidades que me levaram até aqui. Seu apoio e crença em mim foram fundamentais para o meu sucesso. Este trabalho é dedicado a vocês, em reconhecimento de todo o amor e cuidado que tiveram comigo ao longo dos anos, desde que era apenas um bebê.

Gostaria de dedicar um especial e emocionado agradecimento aos meus queridos avós, Olavo Gaspar e Maria Luci, que, embora não estejam mais fisicamente presentes, continuam a ser uma fonte eterna de inspiração e

orientação para mim. Suas memórias vivem em meu coração e sua influência permanece viva em minha vida. Agradeço por todo o amor e sabedoria que compartilharam comigo ao longo dos anos vividos juntos. Cada conquista alcançada nesta jornada acadêmica é um testemunho do legado que deixaram para trás. Este trabalho é dedicado a vocês, em profundo reconhecimento e gratidão por tudo que representaram para mim. Vocês serão para sempre lembrados e amados.

Agradeço também à minha querida dinda Néia, por seu apoio constante e incentivo ao longo desta jornada. Seu amor, sabedoria e presença encorajadora foram uma fonte de inspiração para mim em todos os momentos. Agradeço por sempre acreditar em mim, por me ouvir e me aconselhar nos momentos de dificuldade. Sua presença foi um verdadeiro presente em minha vida.

Às minhas amizades, que tornaram esta jornada não apenas acadêmica, mas também memorável e enriquecedora, meu mais sincero obrigado por cada risada compartilhada e por cada momento de companheirismo.

Também gostaria de agradecer aos professores da UERGS, que ao longo dos anos contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica e intelectual. Cada um de vocês deixou uma marca inabalável em meu percurso, seja através das aulas inspiradoras, das discussões em sala de aula ou do incentivo constante ao pensamento crítico.

E por fim agradeço à minha orientadora e professora Helena Venites Sardagna, pela orientação valiosa, apoio constante e paciência durante todo o processo de pesquisa e redação deste trabalho. Minha gratidão também às professoras Carolina Gobbato e Dolores Schussler por me acompanharem até este momento final. Cada um de vocês teve um papel importante na realização deste trabalho, e por isso, expressei meu mais profundo agradecimento.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar que estratégias são operacionalizadas para a inclusão escolar de crianças com TEA com ênfase nos serviços de apoio, no contexto da Educação Infantil, a partir da experiência de uma escola de educação básica no município de Osório/RS. Questionou como o apoio à inclusão é operacionalizado na escola, em relação às crianças com Transtorno do Espectro Autista? Que especificidades são elencadas em termos de estratégias, potencialidades e desafios? A abordagem metodológica consiste em uma pesquisa qualitativa, de tipo exploratória. Participaram da pesquisa três profissionais da escola: a Supervisora Escolar; a Professora de uma turma de Pré-escola e a Monitora de apoio à inclusão da turma, que responderam a um questionário. O estudo teórico partiu de uma revisão de literatura sobre o tema, uma descrição histórica e legal, bem como uma articulação com a perspectiva inclusiva no contexto da educação infantil. As informações obtidas e a relação com o campo conceitual permitiram a organização de três eixos de análise: Estratégias para o trabalho pedagógico da criança com TEA; Desafios no cotidiano da escola em relação às práticas inclusivas; Possibilidades de aprendizagem e interação da criança com TEA na escola. O estudo identifica estratégias que envolvem a colaboração entre equipe diretiva, professores, profissionais de apoio e famílias. Os registros também salientam a existência de desafios significativos na implementação de práticas inclusivas. Conclui-se que as profissionais se mobilizam para que as crianças se tornem mais independentes à rotina escolar. Por outro lado, há uma ênfase no comportamento das crianças e uma expectativa no saber clínico, como uma forma de superar os desafios.

Palavras-chave: Educação Infantil; Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista.

LISTA DE ABREVIATURAS

AC – Análise de Conteúdos

AEE – Atendimento Educacional Especializado

APAE - Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAEE – Centro de Atendimento Educacional Especializado

CEB - Câmara de Educação Básica

CNE - Conselho Nacional da Educação

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PEI - Plano Educacional Individualizado

PNEE - Política Nacional de Educação Especial

PPP – Projeto Político Pedagógico

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TEA – Transtorno do Espectro Autista

UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo geral	12
1.2.2 Objetivos específicos	12
2 CONTEXTO DA PESQUISA.....	13
2.1 A INSTITUIÇÃO.....	13
2.2 OS SUJEITOS.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO: A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA INCLUSÃO ESCOLAR.....	15
3.1 REVISÃO DE LITERATURA	15
3.2 HISTÓRICO.....	20
3.3 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL.....	23
3.4 EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA	27
4 METODOLOGIA.....	30
5 ESTRATÉGIAS DESAFIOS PARA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL..	32
5.1 ESTRATÉGIAS PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO DA CRIANÇA COM TEA.....	32
5.2 DESAFIOS NO COTIDIANO DA ESCOLA EM RELAÇÃO ÀS PRÁTICAS INCLUSIVAS.....	36
5.3 POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM E INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA NA ESCOLA.....	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43
APENDICES.....	47
ANEXOS	51

1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um tema de grande relevância no contexto educacional atual, face aos tensionamentos que se apresentam no cotidiano escolar, em relação às políticas e práticas para o apoio à inclusão, que visam uma sociedade mais igualitária e inclusiva. As crianças com TEA, assim como todas da escola necessitam que suas singularidades sejam consideradas e que não sejam classificadas como alguém que necessita de práticas normalizadoras, como historicamente tem acontecido (Santos, 2017). Esta autora defende que se dê “[...] visibilidade à pessoa com deficiência, trazendo um entendimento de que é necessária atenção para o sujeito na sua integralidade e não no foco na deficiência” (Santos, 2017, p. 77). Ao enfatizar a integralidade do sujeito, Santos (2017) sugere uma abordagem mais ampla e inclusiva, que valoriza suas habilidades, experiências e identidade como um todo, em vez de limitar-se apenas à sua deficiência.

A inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil é um tema de relevância crescente na sociedade contemporânea. No entanto, a efetivação dessa inclusão enfrenta uma série de desafios que vão desde a falta de estrutura nas instituições educacionais até a necessidade de capacitação específica dos profissionais da área, para obter conhecimento sobre o assunto e de modo que possa fazer a inclusão destas crianças. A falta de reflexão sobre concepções e práticas da perspectiva inclusiva pode representar barreiras para a inclusão efetiva de todas as crianças, incluindo aquelas com TEA na Educação Infantil e em outros níveis de ensino. No mesmo sentido, o glossário do Resumo Técnico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep (2023), indica que:

Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): são aquelas que apresentam quadro clínico caracterizado por deficiência persistente e clinicamente significativa que causa alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas e na comunicação verbal e não verbal, ausência de reciprocidade social e dificuldade em desenvolver e manter relações apropriadas ao nível de desenvolvimento da pessoa. Além disso, a pessoa apresenta um repertório de interesses e atividades restrito e repetitivo, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados. Assim sendo, são comuns a excessiva adoção de rotinas e padrões de comportamento ritualizados, bem como interesses restritos e fixos (Inep. Resumo Técnico, 2023, p.9)

Frente a essa definição, o presente estudo propõe problematizar o acento na patologia e propõe enfatizar o sujeito com TEA como um modo de existir que necessita de olhar sensível da escola, de abertura a sua diferença, ao invés das tentativas de normalizá-lo. Precisamos conhecer as necessidades específicas de todas as crianças, independente de laudo. Isso nos permite direcionar recursos e esforços para garantir que todas as crianças, incluindo aqueles com TEA, tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva.

De acordo com dados do Inep (Inep, 2019):

O número de alunos com TEA que estão matriculados em classes comuns no Brasil aumentou 37,27% em um ano. Em 2017, 77.102 crianças e adolescentes com autismo estudavam nas mesmas salas que pessoas sem deficiência. Esse índice subiu para 105.842 alunos em 2018 (Inep,2019).

Estes dados consideram tanto os estudantes de escolas públicas, quanto de privadas, e ressaltam a magnitude desse aumento e evidenciam o impacto das políticas e práticas de inclusão adotadas nas escolas brasileiras. Diante dessas reflexões, torna-se evidente a necessidade de problematizar essas classificações, pois a educação que se efetiva como inclusiva, acolhe toda e qualquer diferença. Uma das maneiras de construir propostas inclusivas é promover o engajamento de todos os atores envolvidos no processo educativo, com vistas a um ambiente inclusivo para todos.

A Lei nº 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) é um marco legislativo que reforça os princípios e diretrizes da inclusão no Brasil. No âmbito da educação, o Artigo 28 desta Lei garante o direito à educação inclusiva, assegurando o acesso, permanência e a acessibilidade necessária para aprendizagens e interações das crianças com deficiência na escola.

Além disso, antes disto, a Lei nº 12.764/2012 instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, determinando medidas que visam à inclusão e ao bem-estar de indivíduos com TEA. Essas leis, juntamente com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da qual o Brasil é signatário, respaldam a inclusão escolar de crianças com autismo.

A inclusão escolar de crianças com TEA é um eixo importante no bojo dos direitos humanos e da justiça social, pois nenhuma criança deve ser privada do acesso à educação de qualidade devido às suas diferenças. Ao destacar a importância do apoio à inclusão escolar para crianças com TEA, pretendo não

apenas evidenciar as potencialidades dos serviços de apoio para crianças, como também contribuir para a qualificação da educação no contexto escolar.

Acredito que a educação inclusiva não apenas promove o desenvolvimento integral das crianças com TEA, mas também enriquece o ambiente escolar, instigando as crianças a viverem em uma sociedade mais inclusiva e acolhedora. O estudo tem sua importância na medida em que pode contribuir para promover uma sociedade mais justa e igualitária, não apenas para crianças com TEA e para a sociedade como um todo.

Com base nos estudos exploratórios para essa pesquisa, é possível argumentar que todas as crianças têm direito à educação de qualidade, independentemente de suas habilidades ou condições especiais, e que a inclusão escolar é um passo importante para garantir esse direito. Apresentar estudos e pesquisas que enfatizam a relevância do apoio à inclusão escolar para crianças com TEA, é de suma importância em diferentes contextos educacionais.

Nesse sentido, nas diretrizes da Política Nacional de Educação Especial (PNEE-PEI), (Brasil, 2008) consta que:

A inclusão escolar tem início na educação infantil, onde se desenvolvem as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança. Do nascimento aos três anos, o atendimento educacional especializado se expressa por meio de serviços de intervenção precoce que objetivam otimizar o processo de desenvolvimento e aprendizagem em interface com os serviços de saúde e assistência social (Brasil, 2008, p.16).

A PNEE-PEI garante a participação e a aprendizagem de todas as crianças, incluindo aquelas com TEA. Além disso, a PNEE-PEI destaca a importância da inclusão escolar e oferece um marco legal que respalda a implementação de práticas inclusivas nas escolas. Também, a política aborda questões relacionadas à formação de professores, adaptação curricular, acessibilidade e apoio especializado, aspectos essenciais para garantir uma educação de qualidade para todas as crianças, incluindo as com TEA na Educação Infantil.

Sendo assim, a presente pesquisa é relevante, tanto para escola quanto para a comunidade, pois permite problematizar os olhares direcionados para a criança, como alguém a ser corrigido, normalizado, segundo métricas homogeneizadoras, propondo compreender a criança com TEA mais pelo seu modo de existir e não pela

sua comparação com parâmetros de normalidade na escola.

Assim, é de grande relevância conhecer estratégias e desafios para que os regulamentos legais sejam plenamente cumpridos nos sistemas de ensino, bem como as implicações pedagógicas desse processo. A investigação proposta no presente estudo poderá contribuir para uma compreensão mais abrangente e embasada sobre a inclusão escolar da criança com TEA, podendo inclusive oferecer subsídios para educadores, famílias e gestores escolares na promoção de práticas inclusivas e enriquecedoras para todas as crianças. Neste trabalho também se torna fundamental explorar as principais leis que embasam as políticas inclusivas nos sistemas de ensino.

Diante do exposto, torna-se evidente que uma pesquisa que se propõe a olhar para as práticas inclusivas na Educação Infantil, irá contribuir para ampliar a compreensão sobre a relevância do serviço de apoio à inclusão escolar para crianças com TEA. Ao destacar os benefícios proporcionados por esse serviço, não apenas para o desenvolvimento educacional, mas também para o bem-estar e a integração social dessas crianças, pretende-se contribuir para a promoção de práticas educacionais mais inclusivas. Assim, é fundamental reconhecer o papel crucial desempenhado pelo apoio à inclusão escolar na promoção do acesso igualitário à educação e no fortalecimento da diversidade em nossas escolas e comunidades. No contexto educacional, os regulamentos legais desempenham um papel fundamental na criação de ambientes escolares acessíveis e acolhedores para alunos com deficiência, com transtorno global do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação (Brasil, 2008; 2013).

O exercício investigativo, a partir da experiência em uma escola de Educação Infantil do município de Osório, poderá contribuir para evidenciar como o contexto estudado tem implementado as diretrizes legais para a promoção efetiva da inclusão das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar, enfatizando os serviços de apoio. É possível considerar tanto as conquistas, quanto as lacunas que ainda precisam ser preenchidas para garantir o pleno acesso a uma educação inclusiva e de qualidade a todas as crianças, independentemente de suas diferenças e necessidades.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Como o apoio à inclusão é operacionalizado na escola, em relação às crianças com Transtorno do Espectro Autista? Que especificidades são elencadas em termos de estratégias, potencialidades e desafios?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar como são operacionalizadas as práticas de a inclusão escolar de crianças com TEA com ênfase nos serviços de apoio, no contexto da Educação Infantil, a partir da experiência de uma escola de educação básica no município de Osório/RS.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer leis e políticas de inclusão no contexto educacional brasileiro, com foco nas diretrizes específicas para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).
- Investigar as práticas pedagógicas elencadas para promover o apoio à inclusão de crianças com TEA.
- Identificar estratégias, potencialidades e desafios enfrentados no contexto da escola em estudo, para a inclusão de crianças com TEA.

2 CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 A INSTITUIÇÃO

A pesquisa foi realizada no contexto de uma escola pública municipal de Osório, localizada em um bairro distante a quatro quilômetros do centro. Não será divulgada a identificação da instituição e para manter o anonimato, será identificada como Escola Participante. A escola tem como missão o desenvolvimento de uma educação de qualidade em ambas as etapas de ensino que lhe compete (Escola Participante. PPP, 2023).

A escola funciona de segunda-feira à sexta-feira, em regime integral das 7h30min às 17h30min. Atende Crianças da fase Pré-escolar (Educação Infantil), Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental. Atualmente tem 350 alunos matriculados e divididos em etapas, sendo elas: Educação Infantil, cujas turmas são de pré-escola (denominadas de Pré II A e Pré II B); Ensino Fundamental anos iniciais (1º ano A, 1º ano B, 2º ano A, 2º ano B, 3º ano A, 3º ano B, 4º ano A, 4º ano B e 5º ano A e 5º ano B; e anos finais 6º ano, 7º ano, 8º, 9º ano A e 9º ano B (Escola Participante. PPP, 2023).

O espaço físico conta com dez salas de aula, sendo que duas delas possuem banheiro próprio, laboratório de informática, sala de AEE, sala de multivídeo, refeitório, biblioteca, sala dos professores, secretaria, sala da orientação, sala de atividades em turno inverso, cozinha, lavanderia e cinco banheiros, sendo dois acessíveis. Ainda conta com duas salas da educação infantil com espaço amplo e dois banheiros adaptados para a faixa etária que corresponde ao público atendido.

O pátio é propício à prática desportiva e recreação com ginásio fechado, quadra de esportes e área para atividades ao ar livre, além de estacionamento e pracinha. No projeto político pedagógico (PPP) consta que “[...] é uma escola ampla e moderna com todas as condições físicas e pedagógicas para oferecer um trabalho de qualidade. A escola oferece segurança aos alunos, pois tem pátio fechado” (Escola Participante. PPP, 2023, p. 14).

2.2 OS SUJEITOS

Os participantes da pesquisa são profissionais da escola que atuam com crianças com TEA na Educação Infantil, como a Professora de uma das turmas de pré-escola, faixa etária de cinco anos de idade, a Monitora que auxilia no serviço de apoio e a Supervisora da escola.

São três profissionais mulheres: a Professora de uma das turmas de pré-escola, graduada em Letras, com 27 anos de idade e atua na profissão há cinco anos; a Monitora da mesma turma, graduada em Pedagogia e com Pós-Graduação em Educação Especial e Psicopedagogia, com 41 anos de idade e atua na função há cinco anos; e a Supervisora da escola, graduada em Letras e com Pós-Graduação em Supervisão Escolar, com 43 anos de idade e atua na função há um ano e meio.

3 REFERENCIAL TEÓRICO: A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA INCLUSÃO ESCOLAR

Este capítulo foi dividido em quatro seções para explorar o tema em questão de diferentes perspectivas. Primeiro, é apresentada a revisão de literatura que foi realizada pela busca de pesquisas acadêmicas no Repositório Institucional da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). A segunda seção trata do histórico da Educação Inclusiva no Brasil. A terceira seção trata da fundamentação legal para a Educação Inclusiva, onde constam as principais Leis, Resoluções e Decretos criados para assegurar os direitos das crianças à educação inclusiva e serviços de apoio. Já, a quarta seção aborda os conceitos que dão sustentação ao presente estudo, especialmente as discussões sobre a concepção de inclusão escolar do público da Educação Infantil.

3.1 REVISÃO DE LITERATURA

Para edificar uma pesquisa acadêmica em um campo específico e obter uma compreensão abrangente da literatura existente sobre o tema de apoio à inclusão da criança com TEA no ensino regular, é importante investigar estudos anteriores realizados em plataformas, como o Repositório da Uergs- Litoral Norte.

Utilizando as palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Inclusão Escolar e Educação Infantil, foram encontradas quatro monografias, por abordarem pelo menos duas dessas palavras-chave, de forma combinada. O exercício foi realizado a partir da leitura dos resumos e após selecionados, foram lidos na íntegra. A seguir são apresentadas as pesquisas, com uma síntese de cada estudo e uma reflexão.

Dados do artigo 1
Título: Estratégias para aprendizagem de estudantes com TEA: a experiência de um Centro de AEE da Região Metropolitana de Porto Alegre
Ano: 2023
Autores: Michele Silva Pereira Messagi

Lugar de Publicação: Repositório Institucional UERGS

Como informado no quadro 1, a pesquisa de Messagi (2023) é um trabalho de conclusão de curso com foco no serviço de apoio à inclusão de alunos com TEA. O estudo evidencia que as estratégias mais comentadas são: organização do tempo, planejamento, atividades com jogos e brincadeiras e articulação com a família. O estudo também mostra que é de suma importância a escola ser um ambiente acolhedor e igualitário para que possa vivenciar experiências de aprendizagem, não apenas a equipe gestora da escola, mas todo o coletivo da escola.

A pesquisa de Messagi (2023) teve como metodologia o estudo de caso qualitativo e descritivo, qual seu instrumento de obtenção das informações foi o uso de um questionário semiestruturado, com questões abertas e fechadas, ou seja, com opções de respostas prontas ou de livre fala. A pesquisa de Messagi (2023) se deu em um Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) da Região Metropolitana de Porto Alegre. Este Centro promove apoio pedagógico às escolas da Rede Pública Municipal de Ensino e também às instituições particulares. Nesta instituição são atendidos crianças e estudantes desde a Educação Infantil até os Anos Finais do Ensino Fundamental.

Messagi (2023) também apresenta o embasamento que fundamentou sua pesquisa. Além disso, a autora ressalta a relevância do diálogo entre os profissionais de apoio da escola e de fora dela para que possa ser elaborado um planejamento pedagógico que atenda à singularidade de cada indivíduo.

Então os resultados mostram que o CAEE é de grande relevância para o apoio à inclusão, por promover um trabalho multidisciplinar com ênfase nas potencialidades, no desenvolvimento cognitivo e social atendendo às especificidades de aprendizagem de cada estudante.

Dados do artigo 2

Título: Práticas pedagógicas para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na escola durante a pandemia pela Covid-19
--

Ano: 2022

Autores: Daiane Martins Nunes

Lugar de Publicação: Repositório Institucional UERGS

Neste trabalho de conclusão de curso, Nunes (2022) enfatiza sobre as práticas pedagógicas de ensino na perspectiva da educação inclusiva, durante o período de pandemia. Importante salientar que seu interesse pela inclusão se deu

através de suas experiências com o Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID, a partir do qual despertou interesse por estudar estratégias e metodologias pedagógicas. Assim, o estudo possibilitou identificar os desafios, as especificidades e as potencialidades na prática pedagógica junto de estudantes com TEA, na visão de professores em escolas públicas do município de Capão da Canoa.

A metodologia da pesquisa foi de abordagem qualitativa com caráter exploratório e descritivo. Como instrumento, a autora utilizou um questionário, respondido por seis educadoras que trabalharam diretamente com alunos com TEA, durante a pandemia.

Nunes (2022) relata suas vivências no acompanhamento de uma pessoa do seu convívio familiar, com TEA, nas suas aulas on-line, via Google Meet, onde teve a percepção que ele não tinha mais interesse em assistir às aulas. Ela constatou que muitas vezes até mesmo desligava o computador. Em 2022 ela notou dificuldade em seu retorno presencial no ambiente escolar, foi então que se interessou a aprofundar sobre a questão. Realizou levantamento por meio de questionário respondido por profissionais de duas escolas, com a participação de educadoras especiais, professoras e apoiadoras de educação especial. A autora ainda mostra que através das informações levantadas, foi possível verificar que durante o período da pandemia causada pela Covid-19, houve dificuldades na definição e escolha de metodologias e estratégias utilizadas. A pesquisa ainda mostra que na maioria das vezes as famílias não iam retirar as atividades adaptadas para estudantes com TEA, sendo assim causando diversas dificuldades no ensino aprendizagem.

Sobre esse problema, é pertinente trazer aqui os tensionamentos gerados pela pandemia, nos contextos educacionais, tal como enfatiza Barbosa et al. (2021) afirmando que os estudantes mais afetados foram aqueles que necessitavam de algum apoio ou estratégia específica para atender a sua necessidade.

Neste sentido, podemos considerar que os resultados da pesquisa de Nunes (2022) se equiparam às agravações apontadas por Barbosa et al. (2021). Os estudos de Nunes (2022), referindo-se ao período pandêmico, também apontam que a interação com a família foi essencial para o aluno com TEA, fazendo com que o trabalho em conjunto tenha sido colaborativo para o desenvolvimento do estudante.

Os resultados mostram a análise sobre as estratégias adotadas pelas escolas durante a pandemia e como elas lidam com as complexidades da aprendizagem

nesse contexto. Parece que há algumas similaridades entre as estratégias usadas, mas também algumas diferenças. Considerando duas escolas participantes (A e B), por exemplo, ambas as escolas enfrentam desafios decorrentes da falta de interações pedagógicas causadas pela pandemia. A Escola A encontra dificuldades específicas relacionadas à comunicação com as famílias, enquanto a Escola B não relata problemas semelhantes.

Além disso, nota-se que o foco não se limita apenas à recuperação do aprendizado perdido durante a pandemia, mas também à abordagem das questões sociais que surgiram como resultado dela. Isso sugere uma abordagem mais abrangente e holística para lidar com os impactos da pandemia na educação, reconhecendo que as dificuldades enfrentadas pelas escolas vão além do aspecto acadêmico e incluem questões sociais e emocionais dos alunos e suas famílias.

Dados do artigo 3
Título: Jogos pedagógicos no processo de aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista no município de Capão da Canoa: um olhar para as especificidades desse processo.
Ano: 2021
Autores: Wislânia Amaro Valim
Lugar de Publicação: Repositório Institucional UERGS

A pesquisa de Valim (2021) apresenta um estudo baseado em suas experiências enquanto era monitora de educação especial, acompanhando um aluno com TEA, em uma turma de anos iniciais do Ensino Fundamental. O foco da pesquisa foram as experiências com ênfase nas atividades de jogos pedagógicos, como auxílio no processo de aprendizagem.

O estudo foi desenvolvido em quatro etapas, quais sejam: exploratória, descritiva, reflexiva e analítica. A etapa exploratória contemplou o seu conhecimento do contexto e as problematizações iniciais acerca da experiência no processo de aprendizagem junto de um aluno com TEA. A segunda etapa é descritiva que foi considerada como a prática dos registros durante a sua observação como participante no trabalho de monitoria e a seleção desses registros para posterior análise. A etapa reflexiva se deu pelo exercício de evidenciar eixos e recorrências, por fim, a etapa analítica foi realizada com base na organização dos dados e no contraste com o campo teórico e legal que fundamentou a sua pesquisa. A autora teve como material de análise o diário de campo, contendo os registros e fotos das

intervenções realizadas durante sua experiência.

O estudo de Valim (2021) revela que os jogos têm um impacto positivo na aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), desde que sejam construídos com base em referências que sejam familiares para o aluno e que despertem seu interesse de alguma forma. Isso sugere que a personalização dos jogos para atender às preferências e características individuais das crianças com TEA pode aumentar significativamente sua eficácia como ferramentas de aprendizado. Em essência, os jogos se tornam uma ponte entre o mundo familiar do aluno e os objetivos educacionais, potencializando sua participação ativa e seu engajamento no processo de aprendizagem.

Dados do artigo 4
Título: A criança com TEA na educação infantil: prática pedagógica docente
Ano: 2021
Autores: Vitória Lima Benites de Souza
Lugar de Publicação: Repositório Institucional UERGS

A pesquisa de Souza (2021) foi a última da revisão. O estudo teve o intuito de pesquisar sobre a prática pedagógica junto a alunos com TEA na Educação Infantil. A metodologia foi de abordagem qualitativa e partiu de uma entrevista realizada com duas professoras de Educação Infantil na rede particular, localizada em Arroio dos Ratos/RS.

A autora deixa evidente que as práticas referenciadas no estudo podem ser entendidas pelas relações que estabelecem com as diretrizes das políticas educacionais para a interpretação inclusiva, pelas estratégias pedagógicas e tentativas para que as crianças sejam integradas nas turmas. Souza (2021) ainda reforça que muitas vezes o laudo é mais enfatizado do que a avaliação pedagógica, porém, na sua reflexão salienta a importância de não pautar a prática pedagógica pelo laudo e sim, pelas especificidades da criança com TEA. Isso nos permite frisar que não existe uma fórmula secreta, pois cada criança com TEA responde diferente às propostas.

Os resultados foram analisados em dois eixos: experiências e concepções acerca da inclusão da criança com TEA na Educação Infantil; e especificidades pedagógicas na sala referência para crianças com TEA. No primeiro eixo, os participantes enfatizaram a importância de reconhecer a singularidade de cada

criança com TEA, sem se limitar ao diagnóstico, e destacaram a necessidade de práticas inclusivas que valorizem as diferenças. No segundo eixo, os professores ressaltaram que o TEA se manifesta de maneiras diferentes em cada criança e enfatizaram a importância de adaptar as práticas pedagógicas de acordo com as necessidades individuais. No entanto, também foram identificadas dificuldades relacionadas ao transtorno, especialmente por parte de alguns participantes que associaram os desafios à condição do sujeito com TEA.

E, para finalizar, Souza (2021) ressalta que é necessária uma reflexão sobre as práticas educativas que estão sendo desenvolvidas em sala de aula para que se valorize as estratégias pedagógicas e não se acentue apenas o aspecto clínico.

Após a leitura dos quatro trabalhos de conclusão de curso, que se alinham ao tema que estou me aprofundando, cheguei à conclusão de que o apoio à inclusão escolar para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é crucial para garantir que esta criança seja olhada por seu modo peculiar de existir e para contribuir com o seu desenvolvimento social e acadêmico. A inclusão escolar não se resume apenas a garantir que as crianças estejam presentes na sala de aula, mas também envolve adaptar o ambiente e as práticas pedagógicas para atender às suas necessidades específicas.

Na Educação Infantil, as práticas pedagógicas voltadas para crianças com TEA devem ser flexíveis e sensíveis às suas características individuais. Isso pode incluir o uso de estratégias de ensino diferenciadas, como, o emprego de recursos visuais, o uso de rotinas explícitas e previsíveis, a promoção de atividades sensoriais e a incorporação de estratégias de comunicação alternativa, como o uso de pictogramas ou dispositivos de comunicação, entre outras.

Além disso, é essencial que os educadores participem de espaços formativos com reflexões e com a abordagem de repertórios e estratégias para ambiente de aprendizagem acolhedor e de aprendizagem para todas as crianças, independentemente de suas necessidades.

O apoio dos colegas e o envolvimento dos pais também são fatores que implicam as práticas de inclusão escolar de crianças com TEA. Em resumo, a importância do apoio à inclusão escolar para crianças com TEA reside na promoção de um ambiente de aprendizagem inclusivo, que valorize a diversidade e o potencial de todas as crianças.

3.2 HISTÓRICO

A Educação Inclusiva no Brasil se reflete em um processo gradual de reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência e de sua inclusão na sociedade e na educação formal. Conforme consta no documento de Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva na Educação Inclusiva (PNEE-PEI) de 2008, essa modalidade da educação perpassou por diferentes momentos, desde as primeiras ações até chegar aos dias atuais, quando temos garantias da inclusão por meio de regulamentos legais.

No livro o “A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI”, de autoria de Gilberta de Martino Januzzi (2004), é destacado que a educação da pessoa com deficiência se concentrava resumidamente no ensino de trabalhos manuais na tentativa de garantir-lhes meios de estabilidades e assim livrar-se de uma futura dependência. A abordagem que fundamentava o conceito de deficiência naquele momento era o modelo médico, que se deu por vigência até meados de 1930, quando foi gradativamente aos poucos substituído pela pedagogia e psicologia, especialmente pela ação dos educadores Norberto Souza Pinto e Helena Antipoff.

No histórico do documento da PNEE-PEI (Brasil, 2008) consta que nas décadas de 1950 e 1960 podemos ver o surgimento dos primeiros movimentos de pais e ativistas em defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Porém, no documento, consta a problematização de que a educação especial ainda era dominada por um modelo segregacionista, com a maioria das crianças com deficiência sendo encaminhada para escolas especiais ou instituições segregadas (Brasil, 2008).

Ainda sobre esta época, Januzzi (2004) destaca que as próprias pessoas com deficiência começaram a procurar meios de participação nas discussões que tinham acerca de seus problemas. Isso motivou que em 14 de dezembro de 1954 foi criado o Conselho Brasileiro do Bem-Estar dos Cegos, logo em seguida, em 1962, foi criada a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), cujo foi motivada a criação da Federação Nacional das APAEs, com objetivo de articular e fortalecer o movimento em todo país.

Sardagna (2008) traz informações importantes sobre Educação Inclusiva no Brasil conforme o passar das décadas, portanto apurando que em meados da

década de 1970 acontece o crescimento do movimento de educação especial no Brasil, impulsionado por mudanças sociais e políticas internacionais. Começaram a surgir debates sobre a necessidade de garantir o direito à educação para as crianças, porém, a ênfase é muito mais na correção dos alunos, com as chamadas classes especiais, para atender os parâmetros do currículo, do que a atenção às necessidades dos alunos.

Ainda sobre pontos importantes referentes aos aspectos históricos da Educação Inclusiva, na Década de 1980 a Promulgação da Constituição Federal de (1988) estabeleceu a igualdade de direitos para todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência. Essa constituição também reconheceu o direito à educação como um direito fundamental de todos os cidadãos brasileiros (Sardagna, 2008). Sendo assim, a Constituição Federal de 1988 (art.3º inciso IV) traz como um dos seus objetivos fundamentais, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988).

Em sequência ainda, podemos ver que na década de 1990 houve então a Implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, que introduziu o princípio da educação inclusiva no sistema educacional brasileiro. A LDBEN estabelece que as escolas devem promover a inclusão de alunos com deficiência em classes comuns e que o ensino deve ser adaptado às necessidades de cada aluno (Brasil, 1996).

Por fim, nos anos de 2000 até o presente o Brasil continuou a avançar na implementação da educação inclusiva, com a criação de políticas e programas para apoiar a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares. Isso incluiu a implementação do Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade, lançado em 2003, que visava promover a formação de professores e a adaptação das escolas para receber alunos com deficiência (Brasil, 2008).

Nas décadas seguintes os sistemas de ensino foram pouco a pouco implementando a perspectiva inclusiva, contudo, observa-se que apesar dos regulamentos assegurar sistemas inclusivos, nos dias de hoje ainda estamos em busca de estratégias para fazer cumprir o direito à inclusão e diversidade.

Com base em minhas leituras, analisando o percurso histórico de transformações ao longo de aproximadamente cinquenta anos atrás, desde a segregação até os processos inclusivos atuais, é possível compreender que os desafios enfrentados são recorrentes ao longo dos anos, assim como os

movimentos de busca por uma educação mais igualitária e inclusiva.

Como foi possível evidenciar, os primeiros movimentos no campo da educação, eram marcados por práticas segregacionistas, onde alunos com deficiência ou necessidades especiais eram frequentemente excluídos do sistema educacional convencional. Essa segregação refletia uma visão discriminatória e excludente, que limitava o acesso à educação e perpetuava desigualdades.

Com o passar do tempo, houve um movimento de correção dessas práticas segregacionistas, impulsionado por mudanças sociais, legislativas e educacionais. Surgiram leis e políticas que buscavam garantir o direito à educação para todos, sendo que no Brasil, os regulamentos da década de 1990 se fundamentavam na Declaração Mundial de Educação para Todos de 1990 e na Declaração de Salamanca de 1994, que previu a promoção da inclusão como um princípio fundamental da educação.

Nos últimos anos, testemunhamos avanços significativos em direção à inclusão educacional. Os processos inclusivos atuais visam não apenas garantir o acesso à escola, mas também promover a participação ativa e o sucesso acadêmico de todos os alunos, independentemente de suas características individuais.

No entanto, apesar dos progressos alcançados, ainda enfrentamos desafios significativos na implementação efetiva da inclusão educacional. Barreiras físicas, atitudinais e estruturais persistem, dificultando a plena participação e aprendizado de todos os alunos. Além disso, questões como falta de recursos, formação inadequada de professores e resistência a mudanças ainda precisam ser abordadas de forma mais abrangente.

Diante desse panorama pode-se concluir que a educação percorreu um longo percurso, mas é um processo que necessita continuar para que se possa promover a inclusão na escola. Isso requer o compromisso de toda a sociedade em reconhecer e valorizar a diversidade, garantindo que todos os alunos tenham oportunidades de aprendizado e desenvolvimento, de acordo com as suas necessidades. São estratégias que podem contribuir para se construir um mundo mais justo e equitativo para as gerações futuras.

3.3 FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

No Brasil, diversas leis, resoluções, pareceres e decretos foram criados para assegurar a direitos e promover a inclusão da criança com TEA nas escolas. Entre esses direitos, destacam-se alguns como, o direito à educação de todas as crianças, independentemente de suas especificidades. Dentre estas, as crianças com TEA têm direito a uma educação inclusiva e de qualidade, que atenda às suas necessidades específicas. O primeiro documento que destaque é a Constituição Federal (Brasil, 1988), onde estabelece o direito à educação como um direito fundamental de todos os cidadãos brasileiros, incluindo aqueles com deficiência, como é o caso de muitas crianças com TEA (Brasil, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, estabelece que as escolas devem promover a inclusão de alunos com deficiência em classes comuns, e que o ensino deve ser adaptado às necessidades de cada aluno.

Como já foi sinalizado acima, está em vigência a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE-PEI) (Brasil, 2008), a qual determina as diretrizes para a educação inclusiva no Brasil, incluindo a garantia do acesso e permanência de alunos com autismo e outras deficiências nas escolas comuns (Brasil, 2008).

As diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) são previstas na Resolução CNE/CEB nº 4/2009 para os sistemas de ensino da educação básica, incluindo orientações específicas para o atendimento de alunos com TEA (Brasil, 2009a).

Quanto às Diretrizes para a Educação Infantil, é importante mencionar a Resolução CNE/CEB nº 05/2009 que se concentra especificamente na Educação Infantil, enquanto o processo de Educação Inclusiva abrange todos os níveis de ensino. A Educação Inclusiva é uma modalidade de ensino com a função de promover o desenvolvimento das habilidades das pessoas com deficiência, que abrange todos os níveis do sistema de ensino, desde a Educação Infantil até a formação superior. Portanto, essas diretrizes para a Educação Infantil fornecem orientações específicas para o atendimento às crianças pequenas.

Ainda é pertinente destacar o Decreto nº 7.611 que apresenta as diretrizes operacionais para o AEE que tem como objetivo garantir a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência em diversos aspectos da vida social, incluindo educação, saúde, trabalho, acessibilidade, entre outros. Ele prevê a criação de

políticas públicas, programas e ações afirmativas para promover a inclusão e a participação plena dessas pessoas na sociedade (Brasil, 2011). Entre as medidas previstas no Decreto estão a promoção da acessibilidade em espaços públicos e privados, a implementação de políticas de inclusão escolar e a garantia de acesso à saúde, transporte e mercado de trabalho (Brasil, 2011).

Sobre os direitos da pessoa com TEA, a Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012), reforçando os direitos já mencionados, ampliando para outras áreas da sociedade, como transporte, trabalho, lazer, entre outros. Traz também direito à autonomia e participação, ou seja, o direito de serem ouvidas e participar das decisões que afetam suas vidas, de acordo com sua capacidade de compreensão e comunicação.

Os mesmos direitos também são assegurados pela Lei 13.146 de junho de 2015, lei Brasileira de inclusão (Brasil, 2015a), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, incluindo o acesso a escolas comuns com adaptações pedagógicas e apoio individualizado, quando necessário. Também direito aos cuidados de saúde adequados e especializados, incluindo diagnóstico precoce, intervenções terapêuticas e acompanhamento médico especializado.

A Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015a) proíbe a discriminação com base na deficiência e exige que o Estado adote medidas para eliminar barreiras à participação plena e igualitária das pessoas com deficiência na sociedade, incluindo no contexto educacional.

A Nota Técnica Nº 02/2015 apresenta diretrizes específicas que são especialmente relevantes para a Educação Infantil. Ao destacar a importância de incluir crianças com deficiências em todos os espaços da escola, ela reconhece a importância crucial dos primeiros anos de vida na formação e no desenvolvimento das crianças. Além disso, ao definir que o serviço de apoio pelo professor AEE às crianças com deficiência na Educação Infantil não deve se restringir à sala de recursos multifuncionais, mas sim se estender a todos os ambientes da escola, a nota enfatiza a necessidade de criar ambientes inclusivos e acolhedores desde seus primeiros anos de vida.

Essa abordagem não apenas beneficia as crianças com deficiências, garantindo-lhes acesso a uma educação de qualidade desde cedo, mas também promove o desenvolvimento de uma cultura inclusiva na escola como um todo. Ao

adaptar as atividades comuns a todas as crianças para atender às necessidades específicas das crianças com deficiência, a Nota 02/2015 reforça a ideia de que cada criança é única e merece ser reconhecida e atendida de acordo com suas necessidades individuais (Brasil, 2015b).

No contexto do Rio Grande do Sul, a Nota Técnica N° 02/2022 estabelece diretrizes essenciais para o funcionamento dos Centros de Referência em TEA nas modalidades Macrorregional e Regional, especificamente no contexto do estado do Rio Grande do Sul. Esses centros desempenham um papel crucial na promoção de ações integradas e especializadas voltadas para o diagnóstico, intervenção e apoio às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas famílias (Rio Grande Do Sul, 2022).

A referida Nota destaca a importância da abordagem interdisciplinar e multiprofissional na prestação de serviços nos Centros de Referência em TEA, envolvendo profissionais de diferentes áreas, como psicologia, pedagogia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros (Rio Grande Do Sul, 2022). Essa abordagem visa garantir uma avaliação abrangente das necessidades individuais de cada pessoa com TEA e o desenvolvimento de planos de intervenção personalizados.

Além disso, a Nota Técnica ressalta a importância da articulação e cooperação entre os Centros de Referência em TEA e outros serviços de saúde, educação e assistência social, bem como com organizações da sociedade civil e famílias, para garantir uma rede de apoio abrangente e efetiva (Rio Grande Do Sul, 2022).

Entre as diretrizes específicas abordadas na nota técnica estão a padronização dos procedimentos de avaliação diagnóstica, a oferta de intervenções baseadas em evidências científicas, o acompanhamento longitudinal do desenvolvimento das pessoas com TEA, o oferecimento de capacitação e suporte às famílias e profissionais envolvidos, entre outros aspectos (Rio Grande Do Sul, 2022).

Assim, os Centros de Referência em TEA nas modalidades Macrorregional e Regional são planejados para ser uma importante estrutura de apoio para a promoção da qualidade de vida e inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas famílias em diferentes regiões.

Recentemente foi promulgada a Lei 14.624 de 17 de julho de 2023 conhecida como Lei do Cordão de Identificação que representa mais um avanço na garantia

dos direitos das pessoas com TEA (Brasil, 2023). Ela institui a opção do uso de cordões de identificação para pessoas com deficiência, incluindo aquelas com TEA, facilitando sua identificação e proporcionando maior segurança e assistência em situações de emergência.

Em termos de legislação específica sobre educação especial, as políticas e diretrizes são frequentemente atualizadas e complementadas por resoluções e normativas do Ministério da Educação (MEC) e do Conselho Nacional de Educação (CNE), visando aprimorar a implementação da educação inclusiva e o atendimento às necessidades dos alunos com deficiência, incluindo aqueles com TEA.

É importante estar atento às atualizações e às interpretações jurisprudenciais para compreender completamente como essas leis estão sendo cumpridas na prática e garantir que os direitos das pessoas com TEA sejam respeitados e promovidos em todas as áreas da sociedade. Na educação, a efetiva implementação dessas políticas depende da atuação conjunta de governos, escolas, famílias e sociedade civil para garantir o acesso igualitário à educação para todas as crianças.

3.4 EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

A Educação Infantil é uma etapa fundamental do processo educacional, que se destina a crianças de até cinco anos de idade. Durante o período da Educação Infantil, são desenvolvidas habilidades cognitivas, sociais, emocionais e motoras essenciais para o aprendizado e experiências constantes. Por meio de atividades lúdicas, interativas e adaptadas à faixa etária, as crianças exploram o mundo ao redor, constroem conhecimento, desenvolvem a linguagem e a criatividade. Podemos considerar que o desenvolvimento integral se dá pelas experiências do brincar, da aprendizagem significativa, do respeito à individualidade, da interação social e da inclusão. Os educadores podem criar ambientes de aprendizagem enriquecedoras e estimulantes, conforme afirmam as autoras Barbosa e Gobbato (2022, p.328):

Para o(a) professor(a) de Educação Infantil, é importante conhecer diferentes modos históricos e culturais de concretizar a educação das crianças pequenas, de organizar tempos e espaços, assim como constituir um repertório de jogos, brincadeiras, histórias, imagens, canções e danças de vários lugares do mundo, de forma que possa ampliar os contextos de experiências ofertados às crianças.

Barbosa e Gobbato (2022) ainda destacam a importância do papel do professor de Educação Infantil como um pensador e criador ativo. Ele ou ela não apenas ensina, mas questiona, reflete e inova continuamente. O processo de desenvolver sua própria maneira de ensinar é complexo e formativo, pois ao fazer isso, o professor aprende sobre si mesmo enquanto se esforça para oferecer um ambiente acolhedor para as crianças pequenas e suas experiências de infância.

Na pedagogia da Educação Infantil, a abordagem de "como educar/cuidar" envolve uma variedade de escolhas e ações que incluem elementos pedagógicos, estéticos, políticos, éticos e técnicos. Há uma diversidade e complexidade nos métodos de interação com as crianças pequenas, e refletir sobre esses métodos requer discussão e análise conjunta das intenções e das formas de organização presentes na rotina diária das creches e pré-escolas (Barbosa; Gobbato, 2022).

As autoras ainda citam diferentes modos importantes históricos e culturais que concretizam a Educação Infantil, pois o importante é englobar essas principais abordagens e escolher aquela que melhor atenda às necessidades e interesses das crianças pequenas, de forma que possa ofertar para as crianças possibilidades de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

A Educação Inclusiva, conforme conceitua Rosita Carvalho (2010), é a perspectiva de um modelo educacional que busca garantir o acesso, a participação e o sucesso de todos os alunos, independentemente de suas diferenças ou dificuldades. Essa perspectiva visa promover uma educação que valorize a diversidade, respeitando as características individuais de cada estudante e proporcionando as adaptações necessárias para que todos possam aprender e se desenvolver plenamente.

Carvalho (2010) também argumenta que essa concepção se fundamenta na premissa de que todos os alunos, independentemente de suas diferenças, devem ter acesso a uma educação de qualidade. A autora ainda destaca a importância de criar ambientes escolares que acolham a diversidade e promovam práticas pedagógicas adaptadas às necessidades individuais de cada estudante. Nesse sentido, a inclusão implica na promoção de uma cultura escolar que valorize e respeite as diferenças. Além disso, Carvalho (2010) discute e argumenta sobre a importância do papel do professor como mediador do processo de inclusão, destacando a necessidade de formação continuada e de desenvolvimento de estratégias pedagógicas que atendam às necessidades específicas de cada aluno.

A Educação Inclusiva, conforme delineada por Carvalho (2010), visa transformar as práticas educacionais de forma a garantir que todos os alunos tenham oportunidades equitativas de aprendizado e desenvolvimento. Um dos aspectos enfatizados é a importância da colaboração entre professores, alunos, famílias e comunidade para criar um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

Em consonância com essa concepção, a Resolução CNE/CEB nº 05/2009, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, garante que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade desde os primeiros anos de vida (Brasil, 2009b). Essas diretrizes estabelecem princípios fundamentais para uma prática educativa inclusiva, reconhecendo a importância de respeitar a diversidade e atender às necessidades individuais de cada criança.

O estudo da legislação evidencia que todos os regulamentos para a educação básica destacam a importância de acolher e respeitar as diferenças individuais das crianças, incluindo aquelas com necessidades específicas, culturais, linguísticas, étnicas, entre outras. Além disso, tanto o processo de educação e inclusão social, quanto o documento de Diretrizes Curriculares (DCNs) para a Educação Infantil (Brasil, 2009b) reconhecem a importância do papel do educador como mediador do processo de aprendizagem.

Sobre o desenvolvimento cognitivo, emocional, físico e social, Kuhlmann Júnior (2011, p.209) destaca a importância de compreendermos “a infância não como uma fase estática, mas como um constructo social e culturalmente situado, moldado por contextos históricos, políticos, econômicos e sociais específicos”. O autor examina as diferentes representações e discursos sobre a infância ao longo do tempo, demonstrando como essas visões influenciaram as práticas educativas dirigidas às crianças pequenas.

O autor ainda enfatiza que as concepções de infância e a educação infantil foram moldadas por fatores como as transformações econômicas e sociais, as ideologias pedagógicas dominantes, as políticas públicas e as demandas da sociedade. Também menciona sobre a importância de reconhecer a infância como uma etapa de desenvolvimento e aprendizado, que merece ser respeitado, valorizado e protegido. Kuhlmann Júnior (2011) ainda defende uma Educação Infantil centrada na criança, que leve em consideração suas necessidades, interesses e capacidades individuais, e que promova experiências significativas de aprendizagem, autonomia e participação ativa na sociedade.

Finalizo o referencial teórico, enfatizando que o movimento de articular pesquisas sobre o tema, com o campo conceitual, legal e histórico, foi propulsor para analisar as informações obtidas empiricamente. Essa etapa do estudo também contribuiu de maneira significativa para o aprofundamento de conhecimentos sobre a inclusão escolar da criança com TEA.

4 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa se caracteriza como qualitativa, de tipo exploratória. Adotado o enfoque qualitativo, considera-se quando não se busca acentuar a quantificação dos dados. A pesquisa qualitativa se caracteriza, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), por não se preocupar “com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização”, proporcionando uma melhor visão e compreensão do contexto do problema.

Na fase exploratória da pesquisa, é fundamental uma aproximação da questão problema da pesquisa, possibilitando os fatos a serem problematizados e refletidos. Em conformidade com Gil (2008, p. 41):

A pesquisa exploratória, têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...] pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta [...] de modo que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Entende-se que a etapa exploratória da pesquisa é de suma importância para estabelecer uma base sólida para garantir uma relevância em tal tema, contribuindo para a sustentação das etapas seguintes, como a do levantamento de dados e a das análises.

Nessa etapa, de forma deliberada, foram classificadas como fontes e leituras de estudos concretizados e sugeridas pelos docentes durante a trajetória acadêmica, especialmente no processo de orientação deste TCC, sobretudo, conceitos de inclusão, e bases legais da educação inclusiva. Todavia, em virtude do tema de pesquisa, foi valiosa a interpretação de leituras a partir de teóricos,

pesquisadores, especialmente a produções como a tese da minha orientadora e monografias do Repositório da Uergs, todos com ênfase na educação inclusiva de crianças e estudantes com TEA.

O levantamento de dados foi realizado por meio de questionário com perguntas semiestruturadas, respondido pela professora de uma turma de Educação Infantil, com faixa etária de 4 anos, pela Monitora da turma e pela Supervisora da escola. Ressalta-se que a professora do AEE iria participar, mas por questões de agenda, não conseguiu encaminhar suas respostas em tempo.

As questões enfatizaram suas experiências, possibilidades e desafios na ação pedagógica. Digamos que os questionários se baseiam na existência de um conhecimento já existente que pode ser compreendido pelo pesquisador. Então sob inspiração no pensamento de Bardin apud Smith, compreendemos que:

Elas podem apoiar-se em um questionário, com perguntas e respostas de múltipla escolha, ou em um roteiro fixo contendo perguntas objetivas que permitam respostas abertas a serem posteriormente submetidas a técnicas de análise de conteúdo, com ênfase quantitativa (Bardin, 1977 *apud* Smith, 2000).

O questionário é o instrumento da pesquisa e foi uma ferramenta crucial para levantar informações que trazem as peculiaridades de um contexto e que não podem ser generalizadas. Foi elaborado a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em tabelas Microsoft Office Word, para prover a organização e análise das respostas dos participantes e interpretação de dados. Os roteiros estão em apêndice (APÊNDICE A; APÊNDICE B; APÊNDICE C).

É importante ressaltar a experiência e as vivências da Monitora, pois ela está envolvida juntamente com a professora da sala referência, e interage junto da criança com TEA, bem como acompanha no planejamento e execução de atividades. Assim, suas ponderações e contribuições foram de grande relevância para a pesquisa.

A Supervisora da instituição também respondeu ao questionário. Ela desempenha um papel importante, pois faz suas implementações nos planejamentos e nas práticas pedagógicas, também é responsável por propor formações e capacitações às professoras e demais profissionais da escola. Um dos temas abordados nas formações é o apoio às crianças com TEA, para promover a inclusão.

5 ESTRATÉGIAS E DESAFIOS PARA INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta seção, apresentam-se os resultados obtidos com a pesquisa a partir de questionários, com a participação das três profissionais da escola participante, que ocupam as funções de Supervisora, Professora da sala referência e Monitora de apoio à inclusão, como foi informado acima. As profissionais, que são todas mulheres, responderam às questões propostas verificadas, conforme anexos 1, 2 e 3. Para preservar a identidade das participantes, optou-se por identificá-las com a função seguida do ano.

As respostas foram analisadas qualitativamente sob inspiração na análise de conteúdo (AC) proposta por Bardin:

Análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2009, p.44).

A definição fornecida por Bardin destaca a AC como um conjunto de instrumentos de modo robusto e sistemático, essencial para a extração de informações relevantes a partir de mensagens e comunicações. É uma abordagem de análise que vai além da superfície dos dados, buscando compreender e interpretar os significados subjacentes às comunicações humanas.

O exercício empreendido nessa análise considerou as expressões das participantes, nas suas recorrências e ênfases nas respostas. O exercício também considerou uma contrastação entre as informações dos questionários e o campo

conceitual que embasa a pesquisa.

Esse movimento permitiu organizar três eixos de discussão: Estratégias para o trabalho pedagógico da criança com TEA; Desafios no cotidiano da escola em relação às práticas inclusivas; Possibilidades de aprendizagem e interação da criança com TEA na escola. Cada um desses eixos é discutido em uma seção.

5.1 ESTRATÉGIAS PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO DA CRIANÇA COM TEA

As respostas evidenciaram que o grupo de profissionais desenvolve algumas estratégias que considera relevantes para o trabalho pedagógico da criança com TEA na Educação Infantil. Dentre as estratégias, destacam-se as parcerias, as trocas e os apoios, envolvendo profissionais da própria escola ou de fora dela.

Quadro 1: Respostas sobre o trabalho pedagógico

Planejamento em conjunto com o professor de referência e professor do AEE e apoiador para avaliar as estratégias propostas. [...] auxílio de uma apoiadora para o aluno, organização da rotina escolar (horário de permanência, adaptação do aluno), contato direto com a família e profissionais que atendem o aluno (Supervisora, 2024).
 [...] comunicar como foi o dia da criança, se houve algum comportamento diferente dos outros, se conseguiu se alimentar ou se teve crises. (Monitora, 2024)
 Tenho percebido que o trabalho conjunto com essa profissional tem feito a diferença para a criança, sua tolerância está aumentando, a compreensão dos limites, interação com outras crianças e adultos [...] (Professora, 2024).

Fonte: Questionário respondido pelas participantes

A colaboração entre monitores, educadores, profissionais e familiares é um ponto recorrente mencionado pelas participantes, na expectativa do sucesso da inclusão. Percebe-se a preocupação das profissionais com a comunicação constante sobre o processo de aprendizagem da criança com TEA. Observa-se que há um esforço coletivo do grupo da escola. Sobre isso, Pacheco ressalta que:

A construção de uma escola inclusiva exige a colaboração de todos os agentes educativos: professores, auxiliares, pais e alunos. Só assim será possível criar um ambiente de aprendizagem verdadeiramente acolhedor e eficaz para todos (Pacheco; 2009, p. 41).

A criação de uma escola inclusiva não é tarefa de um único grupo, mas um esforço conjunto que envolve a participação ativa e integrada de professores, monitores, familiares e das próprias crianças, estas que não devem ser olhadas como alguém em preparação para o futuro, mas na sua existência e nas suas experiências. Este enfoque colaborativo é essencial para atender às diversas necessidades dos estudantes, além de promover um ambiente de respeito e

compreensão entre todas as crianças da sala referência. A convivência com a diversidade enriquece a experiência educacional, ensinando valores importantes como empatia, paciência e respeito às diferenças.

Um outro aspecto relacionado às estratégias elencadas pela escola é a organização do espaço físico, a rotina e a disponibilidade de materiais, brinquedos e outros recursos.

Quadro 2: Respostas sobre estratégias elencadas na escola

[...] criando materiais adequados para os alunos, organizando as atividades que eles possam participar também; adaptações na pracinha para que eles possam interagir e se sentir mais seguros (balanço adaptado); momentos de conscientização coletiva (hora da leitura) [...] auxílio de uma apoiadora para o aluno, organização da rotina escolar (horário de permanência, adaptação do aluno) (Supervisora, 2024)

[...] respeitar os direitos de aprendizagem, adaptações de rotina, horários e espaços. Tentativas de oferta de novos materiais, propostas são sempre relacionadas ao desenvolvimento motor; fazê-los sentar nos momentos de refeições e conviver com os colegas harmoniosamente, sem agredi-los. Utilizamos os brinquedos e as situações são proporcionadas por eles para as intervenções. [Ao mencionar duas crianças, assinala que] eles apresentam concentração curta, um deles tem objetos de apego e muitas vezes não aceita outros objetos/ materiais apresentados, então, vamos fazendo tentativas de oferta de novos materiais (Professora, 2024).

[...] uso é a rotina.... As vezes nossos alunos que temos com TEA na sala de aula precisa de um tempo para caminhar na sala, outras vezes precisa até dar uma volta na rua para se organizar[...] conversamos com a turma sobre inclusão e explicamos aos alunos que, às vezes, é necessário que os alunos com transtornos do espectro autista caminhem pela sala e que é necessário a colaboração deles para que não haja gritos no ambiente (Monitora, 2024).

Fonte: Questionário respondido pelas participantes

Frente aos registros, percebe-se que as profissionais promovem suas estratégias, valorizando a organização da rotina e do espaço físico condizente com as necessidades das crianças, além do trabalho articulado aos serviços de apoio, como do AEE e da monitoria. Contudo, observa-se que há um forte acento no comportamento das crianças, junto com um movimento para a homogeneização, na tentativa de manter uma certa ordem no espaço, destacado pela Professora, ao mencionar a necessidade de conviver “harmoniosamente”, e por parte da Monitora, ao referir que busca a colaboração para que “não haja gritos no ambiente”. Ao mesmo tempo, por vezes a Professora tenta levar em consideração as condições e especificidades da criança, ao frisar que tenta levar à risca um conselho que recebeu: “aproveita a leveza das crianças, as ideias que elas trazem”.

A Resolução CNE/CEB nº 5 de 2009 orienta os sistemas de ensino com relação à organização curricular nas instituições que atendem crianças na faixa etária da Educação Infantil, enfatizando estratégias de planejamento pedagógico que incluam a organização do tempo, dos espaços e das atividades de forma apropriada às diferentes faixas etárias e características individuais das crianças (Brasil, 2009b).

Outro enfoque das estratégias está relacionado à acessibilidade, num sentido pedagógico e de estrutura física, conforme preconiza o Art. VII “a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos e instruções para as crianças com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação” (Brasil, 2009b).

Quadro 3: Respostas sobre planejamento

[A escola] conta com uma equipe diretiva que auxilia no processo de planejamento escolar do aluno, elaboração e implementação dos documentos legais (PEI) [planos adaptados];
 [...] respeitar os direitos de aprendizagem dessas crianças, como de todas as demais. As propostas dirigidas direcionadas a eles são sempre relacionadas ao desenvolvimento motor, desenvolvimento da oralidade, compreensão das regras de convivência social (Professora 2024).
 [Para] a adaptação curricular, é criado estratégias para que o aluno sinta prazer em aprender e se desenvolver, superando suas dificuldades (Monitora, 2024; sic).

Fonte: Questionário respondido pelas participantes

A presença de uma equipe diretiva que auxilia no planejamento escolar e na elaboração de documentos como o Plano Educacional Individualizado é um dos aspectos que a escola busca atender. Isso está alinhado com a legislação brasileira, que prevê “acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício da autonomia” para crianças com deficiência e transtornos, segundo consta no Art 28 da Lei nº 13.146/2015.

As propostas mencionadas pela Professora relacionadas ao desenvolvimento motor, oralidade e regras de convivência social são pontos de atenção na escola. Esses aspectos são abordados na legislação, tanto na LDBEN, quanto nos regulamentos vinculados à Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva (Brasil 1996; Brasil, 2008), que defendem uma educação de respeito e valorização das especificidades individuais de cada criança.

A Monitora destaca a criação de estratégias para que ela possa auxiliar nos momentos de aprendizagem e interação, bem como de superação de dificuldades. Isso reflete a necessidade de adaptações curriculares e métodos diferenciados de ensino, conforme preconizado pela legislação de educação inclusiva, que visa garantir o acesso, a permanência e o sucesso das crianças.

Em concordância com as práticas mencionadas pelas entrevistadas parecem estar alinhadas com as diretrizes da legislação brasileira sobre educação inclusiva. A presença de um planejamento escolar adaptado, propostas pedagógicas que consideram o desenvolvimento integral e estratégias para adaptação curricular demonstram um esforço em respeitar os direitos de aprendizagem das crianças, incluindo aquelas com necessidades específicas. Sobre isto, Carvalho (2010)

ressalta que todas as instituições devem:

[...] garantir o direito de todas as crianças à aprendizagem, respeitando suas individualidades e necessidades específicas. Isso inclui a adaptação curricular e a implementação de propostas pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral dos alunos (Carvalho, 2010, p. 68).

A autora sublinha a centralidade da educação inclusiva ao afirmar que a adaptação curricular e as propostas pedagógicas devem promover o desenvolvimento integral das crianças, respeitando suas especificidades. Ela ressalta ainda que não se trata apenas de integrar alunos com necessidades específicas no sistema regular, mas de reformular práticas educativas para atender a diversidade, fomentando um ambiente de respeito e autonomia. Essa abordagem contribui para uma sociedade mais inclusiva e democrática.

A comunicação constante sobre as necessidades e potencialidades das crianças com TEA permite que a escola se ajuste, garantindo que suas necessidades sejam atendidas. Outro fator importante é a escuta aos sujeitos com TEA, pois historicamente a escola tem organizado propostas para as crianças, ao invés de organizar essas propostas com elas. Além disso, a contribuição dos pais, que conhecem profundamente as necessidades de seus filhos, é vital para a implementação de estratégias efetivas.

5.2 DESAFIOS NO COTIDIANO DA ESCOLA EM RELAÇÃO ÀS PRÁTICAS INCLUSIVAS

Este eixo elenca os principais desafios mencionados pelas participantes para a promoção da educação inclusiva da criança com TEA na Educação Infantil, na escola em pesquisa. Se acentuam os desafios em relação às interações tanto entre profissionais, quanto entre familiares, assim como a carência de recursos humanos.

Quadro 4: Respostas sobre os desafios enfrentados

<p>Desafio é quando a família não contribui com a escola no processo de inclusão [Também] a falta de profissionais para iniciar adequadamente o ano letivo (Supervisora, 2024). [no caso de algumas adaptações necessárias] nem sempre é compreendido pelo restante do grupo, é como se aquela situação fosse um “problema” meu. [O desafio é] compreender as diferenças das crianças, respeitando-as (Professora, 2024).</p>

Fonte: Questionário respondido pelas participantes

Outro desafio tem a ver com a formação e qualificação profissional para tomar as decisões e criar estratégias frente às demandas diárias, um aspecto mais observado pela Professora e Monitora.

Quadro 5: Respostas sobre os desafios enfrentados

[Desafio frente] às surpresas diárias... de repente algo sai do controle e eles entram em crises. Procuo assistir muitos vídeos de psicólogos, neurologistas e até mesmo pais de crianças autistas, o que fez toda a diferença para mim. Eu considero que nossa formação inicial é muito precária em relação à inclusão (Professora, 2024).

Percebo que as crianças neurotípicas identificam rapidinho que há na sala crianças diferentes (Professora, 2024).

[O desafio é] aprender a como trabalhar com eles e o que eles [...] visando prevenir as crises [...] desenvolver a autonomia, a socialização e suas habilidades. [...] cada aluno com TEA tem suas estereotípias, suas particularidades. [...] precisa de uma rotina bem organizada, e é uma das coisas que tentamos manter, para que o nosso aluno não se desorganize. [...] a pessoa precisa ter uma formação em educação especial e até mesmo em autismo para já possuir um conhecimento das facilidades e dificuldades (Monitora, 2024)

Fonte: Questionário respondido pelas participantes

Fica visível que há uma expectativa das profissionais em relação ao saber clínico, pela busca de saberes psicológicos, neurológicos, como se esses saberes fossem suprir a prática pedagógica. Percebe-se inclusive o emprego de terminologias da área clínica, quando a Professora identifica as crianças sem deficiência como “neurotípicas”. Isso por vezes desautoriza e enfraquece o saber pedagógico. Além disto, há um acento na diferença marcada no comportamento, ao afirmar que “as crianças ‘neurotípicas’ identificam rapidinho que há na sala crianças diferentes” (Professora, 2024). Esses registros ressaltam a importância de uma formação continuada para os educadores, com estudo e fortalecimento do saber pedagógico, considerando que a educação de crianças com necessidades específicas requer primeiramente uma abertura à condição do outro, olhar para a criança sem submetê-las a métricas curriculares ou desenvolvimentistas. A lacuna na formação inicial e a necessidade de aprendizado constante sugerem que as instituições de ensino invistam mais em processos formativos dos profissionais.

A LDBEN, Lei nº 9.394/1996, trata da formação continuada dos profissionais da educação em seu artigo 61, destacando a importância do aperfeiçoamento constante dos educadores:

Art. 61. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando, terá como fundamentos: I - a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II - aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.

Os registros das participantes mostram uma preocupação em aprimorar conhecimentos, ampliar as trocas de experiência, o que se pode contemplar com a garantia de espaços de formação continuada, que integre o campo teórico e prático e valorize a experiência prévia dos profissionais da educação.

5.3 POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM E INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA NA ESCOLA

Este eixo foi organizado com as principais menções das participantes em relação ao que elas elencam como potencialidade para o trabalho pedagógico junto às crianças com TEA na escola. Um primeiro enfoque é sobre as parcerias.

Quadro 6: Respostas sobre interações entre crianças, familiares e profissionais

O Apoio de profissionais (equipe diretiva, apoiadores, rotina e parceria com família) (Supervisora, 2024).

A parceria de uma rede de apoio é fundamental [a parceria com uma psicóloga] o trabalho conjunto com essa profissional tem feito a diferença para a criança, sua tolerância está aumentando, a compreensão dos limites (Professora, 2024). A parceria dos pais é de suma importância. [...] trocas com colegas e monitora (Professora, 2024)

[...] juntos, constroem uma cultura de tolerância e respeito às diferenças desde cedo. [...] envolve sensibilização e compreensão, precisamos ter empatia e conhecimento (Monitora, 2024).

Fonte: Questionário respondido pelas participantes

Evidencia-se que o trabalho conjunto é valorizado por todas as profissionais. Há uma grande expectativa no trabalho em parceria, porém, novamente os registros mostram que há uma expectativa pelo saber clínico, em especial o olhar psicológico. Percebe-se a necessidade de fortalecimento do saber pedagógico para o desenvolvimento integral dos alunos, possibilitando criar um ambiente de escuta ativa e acolhimento e qualificar os processos educacionais.

Essa perspectiva é extremamente relevante porque enfatiza a importância de um olhar holístico e contextualizado, ao invés de focar apenas nas dificuldades e limitações dos alunos com TEA. A Nota Técnica 04/2014, tem como objetivo orientar a implementação das políticas de educação inclusiva no Brasil, e um de seus pontos principais é a ênfase na necessidade de trabalho conjunto entre diferentes setores, como saúde, assistência social, educação e outros, para garantir a inclusão efetiva de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Entre as possibilidades está a autonomia das crianças e a interação entre os atores, seja das crianças entre elas, ou das profissionais entre as crianças. Também se acentuam o comportamento e as atitudes.

Quadro 7: Respostas sobre as relações estabelecidas

Os benefícios são o desenvolvimento que o estudante constrói na escola, como por exemplo, conseguir acompanhar parte da rotina, entrando sozinho na escola, sem precisar de auxílio (Supervisora, 2024).

A convivência das crianças umas com as outras [...]. Crianças receptivas e muito, muito

acolhedoras (Professora, 2024).

[...] presumo que meu papel é de mediador, pois como sou eu que acompanho eles todos os dias, consigo observar onde os alunos têm dificuldades, facilidades e em que parte precisa ser feita uma adaptação. Eu ofereço sugestões de adaptação de atividades, além de trocar ideias de como aplicar determinadas atividades (Monitora, 2024).

Fonte: Questionário respondido pelas participantes

A Supervisora (2024) destaca como um benefício significativo o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, exemplificado pelo fato de os alunos conseguirem entrar sozinhos na escola sem precisar do auxílio de um adulto. Contudo, quando a Monitora refere sobre “aplicar determinadas atividades” deixa evidente que a sua abordagem não está articulada a uma proposta de organização didática que promova experiências significativas. Barbosa e Gobbato (2022) contribuem com essa reflexão, ao referir que:

[...]os conhecimentos “práticos” e técnicos não são esvaziados de significados; ao contrário, são modos de fazer que envolvem ações técnicas, compostos por escolhas pedagógicas, políticas, socioculturais, antropológicas, éticas. Por exemplo, para que as crianças possam aprender a alimentarem-se alimentar, é preciso considerar, ao mesmo tempo, sua autonomia e interdependência, traduzindo esse princípio em uma organização didática apropriada e contextualizada. Isto é, os modos de fazer estão relacionados a aspectos materiais (por exemplo, como organizar o espaço físico, os utensílios e o tempo para alimentar-se sem pressa), bem como a dimensões que envolvem o como relacionar-se, acolher e respeitar a ação autônoma das crianças[...] (Barbosa; Gobbato, 2022, p.325).

As autoras nos provocam a pensar que as estratégias elencadas na escola, tem estreita relação com escolhas pedagógicas, políticas, socioculturais, antropológicas e éticas. A autonomia das crianças é colocada em um contexto de interdependência, que não é aleatória, mas fruto de uma organização didática apropriada e contextualizada.

A Monitora (2024) descreve seu papel como mediadora, observando as dificuldades e facilidades dos alunos e destaca sua contribuição para trazer sugestões de adaptação de atividades. Este papel é relevante para a educação inclusiva que atenda às necessidades individuais de cada estudante, no entanto, a Monitora não menciona como essas sugestões são implementadas ou recebidas pelos professores, dando a entender que ela se responsabiliza pela proposição de experiências, o que vai na contramão do que prevê a Nota Técnica 19 de 2010, que orienta sobre profissionais de apoio para alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento (Brasil, 2010).

Em resumo, as respostas apresentam vários aspectos que estão na pauta cotidiana da escola, em relação aos aspectos pedagógicos, tal como o trabalho para

desenvolver as questões corporais, cognitivas e interativas das crianças

Em relação às adaptações curriculares evidencia-se que as profissionais trazem a preocupação de criar um ambiente onde cada criança possa se desenvolver ao seu próprio ritmo. As profissionais enfatizam o uso de estratégias de planejamento adaptadas, a elaboração de PEIs, e a implementação de atividades voltadas para o desenvolvimento integral dos alunos, o que reflete uma adesão às orientações da Resolução CNE/CEB nº 5/2009. No entanto, seria relevante que a escola continue a aprofundar estudos por meio da formação continuada dos professores no exercício coletivo de pensar e elaborar estratégias de construção oriundas de um processo reflexivo, levando em conta o contexto das crianças e não atividades para “aplicar”.

Os desafios incluem a necessidade de alterar frequentemente o planejamento pedagógico, além de barreiras atitudinais que precisam ser repensadas na escola e que criam obstáculos para o processo inclusivo. Cada criança com TEA precisa ser olhada, não pelo que ela não faz e sim pelo seu modo singular de ser.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de conclusão de curso abordou como tema “A importância do apoio à inclusão escolar para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil”, investigando as estratégias, potencialidades e desafios enfrentados nesse processo, observados no contexto de uma escola no município de Osório/RS.

A análise dos dados permitiu a organização da discussão em três eixos analíticos, quais sejam: Estratégias para o trabalho pedagógico da criança com TEA, Desafios no cotidiano da escola em relação às práticas inclusivas; Possibilidades de aprendizagem e interação da criança com TEA na escola.

As estratégias são identificadas por meio de mobilizações da escola em relação a um trabalho coletivo, pelo auxílio entre profissionais da escola, a busca por um ambiente de respeito às diferenças, a adaptação curricular de acordo com a condição das crianças, o investimento nas questões corporais e expressões diversas, a busca por materiais adaptados, a organização de rotinas e interações, além do trabalho focado na autonomia das crianças.

O exercício analítico sugere que embora haja um reconhecimento geral da importância da inclusão do aluno com TEA na Educação Infantil, pela promoção de diferentes estratégias para a inclusão, existem desafios significativos na implementação de práticas inclusivas. Acredita-se que para superar estes desafios é essencial investir em formações para os docentes, promover colaborações de

familiares junto com a escola para que se envolvam mais, além de garantir recursos adequados para apoiar a inclusão efetiva.

Os desafios encontrados na prática são muitos, principalmente a menção sobre a falta de profissionais, a necessidade de maior colaboração das famílias, a importância de aprimorar os serviços de apoio e o auxílio de profissionais com olhar clínico. Contudo, a alta expectativa nos saberes clínicos supõe a necessidade de aprofundamento de conhecimento do campo teórico para fortalecer a prática pedagógica.

As respostas evidenciam um resultado de um esforço multidimensional por parte da escola para promover a inclusão efetiva das crianças. A inclusão é realizada através de um conjunto integrado de práticas e estratégias, que envolvem a colaboração entre equipe diretiva, professores, profissionais de apoio e famílias.

Por outro lado, há uma aproximação com o olhar para o comportamento das crianças, o que evidencia uma certa relação com parâmetros homogeneizadores quando há expectativa de conformidade a comportamentos padronizados, sem considerar plenamente a diversidade das expressões individuais e das formas de aprendizagem.

Finalizando, é possível considerar que a escola tem buscado continuamente estratégias internas para contribuir para o desenvolvimento e a adaptação das crianças. Observa-se que as profissionais se mobilizam para que as crianças se tornem mais independentes e que a rotina escolar leve em conta as diferenças. A pesquisa ainda revelou que o apoio à inclusão escolar não beneficia apenas as crianças com TEA, mas enriquece o ambiente escolar como um todo. O apoio à inclusão escolar para crianças com TEA na educação infantil é fundamental para oferecer oportunidades iguais de participação na vida escolar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D. M. PASSOS de J. F.; MARTINS, W. C. J.. **Os impactos causados pela pandemia em pessoas com transtorno do espectro autista (TEA)**. 2021. Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física-Instituto Ensinar Brasil. 2021. Disponível em: Acesso em: 14 mar. 2024.

BARBOSA, M. GOBBATO, C. M. C. S. **Complexidade do -como fazer- na educação infantil**. DEBATES EM EDUCAÇÃO, v. 14, p. 312-331, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12669> . Acesso em: 03 mar. 2024.

BARDIN, L. (2009). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Casa Civil. Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO, 1994.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva - PNEEPEI/MEC**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2008.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 4/2009**. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial. Brasília: MEC, 2009b.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 05/2009**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009b.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Especial. Nota Técnica SEESP/GAB nº 19/2010, 2010. Disponível em: <https://lepedi-ufrrj.com.br/wp-content/uploads/2020/09/Nota-t%C3%A9cnica-n%C2%BA.-19-Profissionais-de-apoio.pdf> . Acesso em: 03 mar. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Presidência da República/Casa Civil/ Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 2011.

BRASIL, 2015. **Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. 2015a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 16 de março de 2024.

BRASIL, MEC/SECADI/DPEE/SEB/DICEI. **Nota técnica conjunta nº 02/2015**. 2015b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=18047-ntc-02-orientacoes-para-organizacao-oferta-do-aee-na-educacao-infantil&Itemid=30192 . Acesso em: 02 mar. 2024.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**. Resumo técnico – Censo Escolar. Brasília, 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2023-pdf/254501-pcp050-23/file> . Acesso em: 02 mar. 2024.

CARVALHO. Rosita, Edler. (2010). **Educação Inclusiva: Com os Pingos nos Is** (2ª ed.). São Paulo: Summus Editorial.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf> . Acesso em: 03 mar. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). **Censo da Educação Básica 2019**: Resumo Técnico. Brasília, 2020.

JANUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas: Autores Associados, 2004. Acesso em: 15 de março de 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/w4vBnR8GrZm9VGHZQVrRqSF/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 03 mar. 2024.

KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

MESSAGI, M. S. P. Estratégias para aprendizagem de estudantes com TEA: a experiência de um Centro de AEE da Região Metropolitana de Porto Alegre. Trabalho de conclusão de curso. Uergs - Unidade Universitária Litoral Norte, Osório, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2917> . Acesso em: 03 mar. 2024.

NUNES, Daiane Martins. **Práticas pedagógicas para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na escola durante a pandemia pela Covid-19**. Trabalho de conclusão de curso. Uergs - Unidade Universitária Litoral Norte, Osório, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2917> . Acesso em: 03 mar. 2024.

PACHECO, José. (2006). **Caminhos para a inclusão: Um guia para o aprimoramento da equipe docente**. São Paulo: Artmed Editora S.A. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nx8n1n1> . Acesso em: 03 mar. 2024.

RIO GRANDE DO SUL, SEDUC. **Nota Técnica N° 02/2022: Funcionamento dos Centros de Referência em TEA Modalidades Macrorregional e Regional**. [Nota Técnica]. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde, 2022. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202211/29125815-nota-tecnica-n-02-2022-oficial.pdf> . Acesso em: 01 mar. 2024.

SANTOS, J. F. dos. **Atendimento Educacional Especializado para a Educação Infantil em redes municipais de ensino do estado do Rio Grande do Sul: Caxias do Sul, Porto Alegre, Santa Maria e Uruguaiana**. 2017. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SARDAGNA, H. V. **Práticas normalizadoras na educação especial: um estudo a partir da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo – RS (1950 a 2007) / por Helena Venites Sardagna**, 2008. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/HelenaVenitesSardagnaEducacao.pdf> . Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, S. F.; ALMEIDA, A. L. **Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: Desafios e possibilidades**. Intl. J. of Knowl. Eng., Florianópolis, v. 1, n. 1, 2012, p. 62 – 88. Disponível em: <https://doi.org/10.47916/ijkem-vol1n1-2012-5> . Acesso em: 03 mar. 2024.

SMITH, C. (2000). **Análise de conteúdo e análise narrativa**. In: H.T. Reis, & C.M. Judd (org.). Manual de métodos de pesquisa em psicologia social e da personalidade (pp.313-38). Reino Unido: Cambridge University Press.

SOUZA, V. L. B. **A criança com TEA na educação infantil: prática pedagógica docente**. Trabalho de conclusão de curso. Uergs - Unidade Universitária Litoral Norte, Osório, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1781> . Acesso em: 03 mar. 2024.

VALIM, W. **Jogos pedagógicos no processo de aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista no município de Capão da Canoa: um olhar para as especificidades desse processo**. Trabalho de conclusão de curso. Uergs - Unidade Universitária Litoral Norte, Osório, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2046> . Acesso em: 03 mar. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro de Perguntas para questionário com Professora da sala referência: Importância do Apoio à Inclusão Escolar para Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil
--

1.Experiência e Contextualização:

- Como você descreve sua experiência na Educação Infantil, especialmente em relação à inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)?
- Qual a importância da inclusão escolar para todas as crianças, incluindo aquelas com TEA, em um ambiente educacional?

2.Potencialidades na Prática Inclusiva:

- Quais são os pontos fortes da criança que podem ser incorporados ao currículo e as atividades da sala referência?
- Em quais momentos a criança se mostra mais motivada e engajada nas atividades?

3.Desafios na Prática Inclusiva:

- Quais são os principais desafios que você enfrenta ao trabalhar com crianças com TEA na Educação Infantil?
- Como esses desafios impactam seu planejamento e prática pedagógica diária?

4.Estratégias de Apoio e Adaptação:

- Que estratégias você utiliza para apoiar a inclusão de crianças com TEA na sala referência?
- Você pode dar um exemplo de como você adapta seu material didático para atender às necessidades específicas dessas crianças?

5.Colaboração com Profissionais de AEE e com outros profissionais:

- Como é sua colaboração com profissionais de AEE, e com outros profissionais da rede intersetorial, para apoiar as crianças com TEA na escola?

- Qual a importância dessa parceria para o sucesso educacional e social das crianças com TEA?

6. Envolvimento dos Pais e Comunidade Escolar:

- Na sua concepção, qual é o papel dos pais no processo de inclusão escolar de crianças com TEA?

- Como você promove o envolvimento dos pais no desenvolvimento acadêmico e social de seus filhos na escola?

7. Formação e Capacitação Profissional:

- Que tipo de formação ou capacitação você participa em relação à educação inclusiva? E o que considera necessária a ser abordado para os professores que trabalham com crianças com TEA na Educação Infantil?

- Quais recursos ou programas de desenvolvimento profissional você recomendaria para outros educadores que desejam qualificar sua prática pedagógica na perspectiva inclusiva?

8. Benefícios da Inclusão para Todas as Crianças:

- Além dos benefícios para as crianças com TEA, na sua concepção, quais são os benefícios da inclusão escolar para todas as crianças na sala de aula?

- Como a convivência com a diversidade pode enriquecer o ambiente escolar e promover o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais em todas as crianças?

9. Desafios Futuros e Perspectivas:

- Quais são os desafios futuros e as perspectivas para a promoção da inclusão escolar de crianças com TEA na Educação Infantil?

- Que medidas você gostaria de ver implementadas para garantir uma educação mais inclusiva e equitativa para todas as crianças, independentemente de suas necessidades específicas?

10. Conclusão:

- Quais são suas considerações finais sobre a importância do apoio à inclusão escolar para crianças com TEA na Educação Infantil?

- Existe alguma mensagem final que você gostaria de compartilhar com outros educadores, pais ou membros da comunidade sobre este tema?

APÊNDICE B

Roteiro de Perguntas para questionário com Monitora de turma na Educação Infantil: Importância do Apoio à Inclusão Escolar para Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil

1. Introdução e Contextualização:

- Como você descreveria seu papel como monitora na Educação Infantil?

- Você já teve experiências de trabalho com crianças com transtorno do espectro autista (TEA)? Se sim, poderia compartilhar algumas dessas experiências?

2.Experiência de Inclusão na Prática:

- Como você percebe a importância da inclusão escolar para crianças com TEA na Educação Infantil, com base em sua experiência de trabalho?
- Você pode compartilhar algumas situações em que você viu a inclusão escolar fazer a diferença na vida de uma criança com TEA?

3.Apoio às Crianças com TEA:

- Que estratégias você utiliza para apoiar a inclusão de crianças com TEA na sala referência ou em atividades extracurriculares?
- Como você ajuda essas crianças a se sentirem incluídas e aceitas pelos colegas?

4.Observação e Comunicação com os Educadores:

- Qual é o seu papel na observação e comunicação de possíveis necessidades ou desafios enfrentados por crianças com TEA aos educadores e profissionais especializados?
- Como você colabora com os educadores para garantir que as necessidades das crianças com TEA sejam atendidas da melhor forma possível?

5.Desafios e Superando Barreiras:

- Quais são os principais desafios que você enfrenta ao apoiar a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil?
- Como é possível superar esses desafios e garantir um ambiente inclusivo para todas as crianças?

6.Colaboração com os Pais:

- Qual é o seu envolvimento com os pais das crianças com TEA? Como é feita a comunicação do percurso das crianças aos pais?
- Na sua concepção, de que forma os pais podem contribuir para a inclusão escolar de seus filhos com TEA?

7.Desenvolvimento Pessoal e Profissional:

- Como o trabalho com crianças com TEA na Educação Infantil tem contribuído para o seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional?
- Que tipo de formação ou capacitação você considera importante para melhorar o apoio à inclusão de crianças com TEA?

8.Impacto da Inclusão para Todas as Crianças:

- Além dos benefícios para as crianças com TEA, na sua concepção, qual é o impacto da inclusão escolar para todas as crianças na sala referência?
- Como a convivência com a diversidade pode enriquecer a experiência educacional de todas as crianças?

9.Conclusão:

- Quais são suas considerações finais sobre a importância do apoio à inclusão escolar para crianças com TEA na Educação Infantil?
- Existe alguma mensagem final que você gostaria de compartilhar com outros monitores, educadores ou pais sobre este tema?

APÊNDICE C**Roteiro de Perguntas para questionário com Supervisora: Importância do Apoio à Inclusão Escolar para Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil**

1. Como a escola promove a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil?
2. Quais são as principais potencialidades e os principais desafios enfrentados pela equipe escolar ao apoiar a inclusão de crianças com TEA?
3. Quais estratégias a escola utiliza para criar um ambiente inclusivo e acolhedor para todas as crianças, incluindo aquelas com TEA?
4. Como são adaptadas as atividades e materiais pedagógicos para atender às necessidades específicas das crianças com TEA?
5. Qual é o papel dos professores e dos profissionais de apoio no suporte às crianças com TEA na sala referência?
6. Como a escola trabalha em colaboração com os pais e responsáveis das crianças com TEA para garantir uma experiência educacional significativa?
7. Que os benefícios são percebidos pela escola ao promover a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil?
8. Quais recursos adicionais ou qualificações são disponibilizados para os professores e equipe escolar consolidarem a perspectiva inclusiva, especialmente a inclusão das crianças com TEA?
9. Como a escola avalia o percurso de aprendizagem e o desenvolvimento das crianças com TEA na Educação Infantil?
10. Como a escola lida com possíveis situações de discriminação ou bullying em relação às crianças com TEA e promove um ambiente de respeito e empatia entre as crianças?

ANEXOS**ANEXO 1****Roteiro de Perguntas para questionário com Supervisora: Importância do Apoio à Inclusão Escolar para Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil**

1. Como a escola promove a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil?

A escola promove a inclusão através de diferentes aspectos que compõe e fazem parte deste processo: Conta com uma equipe diretiva que auxilia no processo de planejamento escolar do aluno, elaboração e implementação dos documentos legais (PEI); auxílio de uma apoiadora para o aluno, organização da rotina escolar (horário de permanência, adaptação do aluno), contato direto com a família e profissionais que atendem o aluno.

2. Quais são as principais potencialidades e os principais desafios enfrentados pela equipe escolar ao apoiar a inclusão de crianças com TEA?

A potencialidade e poder contribuir com a evolução, adaptação e aprendizado do aluno. Desafio é quando a família não busca contribuir com a escola no processo de inclusão. A falta de profissionais para iniciar adequadamente o ano letivo.

2. Quais estratégias a escola utiliza para criar um ambiente inclusivo e acolhedor para todas as crianças, incluindo aquelas com TEA?

- Estabelecendo uma rotina que auxilie na organização da família e aluno;
- Planejamento em conjunto com o professor de referência e professor do AEE e apoiador para avaliar as estratégias propostas;

4. Como são adaptadas as atividades e materiais pedagógicos para atender às necessidades específicas das crianças com TEA?

- Buscamos adaptar, dentro do possível e das condições econômicas que temos: criando materiais adequados para os alunos, organizando as atividades que eles possam participar também; adaptações na pracinha para que eles possam interagir e se sentir mais seguros (balanço adaptado); momentos de conscientização coletiva (hora da leitura), que visam trabalhar com todos os alunos, buscando sensibiliza-los e que eles compreendam as atitudes dos alunos com TEA e que não os excluam.

5. Qual é o papel dos professores e dos profissionais de apoio no suporte às crianças com TEA na sala referência?

- Professor é de planejar ações adequadas e inclusivas que visam contribuir com o desenvolvimento do educando.

- Apoiador: de desenvolver as ações planejadas pelo professor de sala de aula, sala de AE e supervisão da escola.

6. Como a escola trabalha em colaboração com os pais e responsáveis das crianças com TEA para garantir uma experiência educacional significativa?

Através do diálogo constante com as famílias e ou profissionais que atendem esse aluno, buscando criar estratégias coletivas.

7. Que os benefícios são percebidos pela escola ao promover a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil?

Os benefícios são o desenvolvimento que o estudante constrói na escola, como por exemplo, conseguir acompanhar parte da rotina, entrando sozinho na escola, sem precisar de auxílio.

8. Quais recursos adicionais ou qualificações são disponibilizados para os professores e equipe escolar consolidarem a perspectiva inclusiva, especialmente a inclusão das crianças com TEA?

- Os recursos ou qualificações dependem da mantenedora, pois são eles que promovem as formações.

9. Como a escola avalia o percurso de aprendizagem e o desenvolvimento das crianças com TEA na Educação Infantil?

-Positivamente, pois todos os alunos que ingressaram na escola, na educação infantil obtiveram bom desenvolvimento na escola.

10. Como a escola lida com possíveis situações de discriminação ou bullying em relação às crianças com TEA e promove um ambiente de respeito e empatia entre os alunos?

Não temos esses casos que venham causar discriminações, pois temos o olhar atento dos profissionais que buscam sempre orientar os alunos.

ANEXO 2

Roteiro de Perguntas para questionário com Professora da sala referência: Importância do Apoio à Inclusão Escolar para Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil

1.Experiência e Contextualização:

- Como você descreve sua experiência na Educação Infantil, especialmente em relação à inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA)?

- Qual a importância da inclusão escolar para todas as crianças, incluindo aquelas com TEA, em um ambiente educacional?

Sou professora e atuo na docência com educação infantil desde 2019. Nos últimos 3 anos em alguma das minhas turmas sempre tive alunos com TEA... A inclusão destes estudantes se torna mais tranquila e eficaz quando os educadores se dispõem a respeitar os direitos de aprendizagem dessas crianças, como de todas as demais. Ao meu ver, as maiores barreiras que já enfrentei na convivência e adaptação das crianças autistas foram em relação aos adultos, educadores e funcionários das escolas, pois em algumas situações é necessário haver adaptações de rotina, horários e espaços, o que nem sempre é compreendido pelo restante do grupo, é como se aquela situação fosse um “problema” meu, uma situação que eu deveria resolver sozinha e, somente dentro da minha sala, sem alterações/adaptações nenhuma no funcionamento da escola. O professor e os demais adultos que atuam na escola necessitam compreender as diferenças das crianças, respeitando-as... Para mim, o respeito e compreensão fazem toda a diferença para que a criança autista seja de fato incluída no ambiente escolar.

2.Potencialidades na Prática Inclusiva:

- Quais são os pontos fortes da criança que podem ser incorporados ao currículo e as atividades da sala de aula?
- Em quais momentos a criança se mostra mais motivada e engajada nas atividades?

As crianças das turmas nas quais lecionei sempre apresentaram-se receptivas e muito, muito acolhedoras com os colegas autistas e também, com outros colegas que possuíam alguma outra deficiência... A forma de agir das crianças é incrível e temos muito a aprender com eles! Em uma das turmas tinha uma criança que demorava um tempo para se organizar na sala e conseguir sentar-se na cadeira enquanto a aula iniciava. Os colegas não tinham conhecimento do que é o autismo, então eles diziam assim: “Deixa o _____ (falavam o sobrenome do menino), ele não sentou ainda.

3.Desafios na Prática Inclusiva:

- Quais são os principais desafios que você enfrenta ao trabalhar com crianças com TEA na Educação Infantil?
- Como esses desafios impactam seu planejamento e prática pedagógica diária?

Além de algumas frustrações pela falta de compreensão por parte de alguns colegas que atuam na escola, os maiores desafios apresentados estão relacionados às surpresas diárias... Com os autistas cada dia é um dia... Em um dia eles estão super tranquilos, de repente algo sai do controle e eles entram em crises, ou, já chegam na escola mais agitados e em crise, então, muitas vezes já precisei alterar o planejamento da turma, primeiro acalmá-los e, só depois, seguir... Na minha turma atualmente tenho 2 autistas nível III de suporte. No início do ano eram 3 autistas nível III, mas há aproximadamente 15 dias um deles mudou-se de casa e foi transferido. Cada um dos 3 meninos tem as suas características, nenhum deles é igual, eles tem formas bem distintas de reagir e se portar na escola... Um conselho que recebi de uma profissional que atua com educação especial foi “aproveita a leveza das crianças para as práticas em sala de aula”; esse conselho veio quando me sentia imensamente frustrada porque um dos alunos, o que foi transferido, era uma criança muito criativa, as brincadeiras dele eram quase todas inventadas por ele mesmo, mas o brincar livre era um momento que quase sempre acabava em um período de choro pois ele não queria romper seu raciocínio para acompanhar as demais tarefas desenvolvidas pela turma, e eu pensando na organização da turma, decidi guardar as cadeiras que ele havia pego para criar seu ônibus, afinal, agora as crianças iriam sentar nelas novamente para participar das propostas. Foi quando o menino se desestabilizou imensamente. Quando avalio essa situação percebo que eu poderia ter agido com mais cautela e ter permitido que ele continuasse a sua incrível

brincadeira, mas naquele momento acabei agindo incorretamente, porém, ficou a lição: aproveitar a leveza das crianças, as ideias que eles trazem.

4. Estratégias de Apoio e Adaptação:

- Que estratégias você utiliza para apoiar a inclusão de crianças com TEA na sala de aula?
- Você pode dar um exemplo de como você adapta seu material didático para atender às necessidades específicas dessas crianças?

Atualmente nossa turma tem 2 autistas não orais, eles apresentam concentração curta, um deles tem objetos de apego e muitas vezes não aceita outros objetos/ materiais apresentados, então, vamos fazendo tentativas de oferta de novos materiais, nesse momento os objetos que ele procura sempre são canetinhas com a tampa branca, outras canetinhas são desprezíveis, apenas as com tampa branca são aceitas por ele. As propostas dirigidas direcionadas a eles são sempre relacionadas ao desenvolvimento motor, desenvolvimento da oralidade, compreensão das regras de convivência social... Os objetivos atuais são conseguirmos fazê-los sentar nos momentos de refeições e conviver com os colegas harmoniosamente, sem agredi-los. Normalmente utilizamos os brinquedos e as situações são proporcionadas por eles para as intervenções, por exemplo: quando o menino 1 pega os lápis, costumamos repetir os nomes das cores dos lápis ou canetinhas, e ele aguarda essa nossa fala. Quando o menino 2 vai brincar com as bolinhas coloridas, sugerimos a transferência desses objetos, e aos poucos ele estão aceitando!

5. Colaboração com Profissionais de AEE e com outros profissionais:

- Como é sua colaboração com profissionais de AEE, e com outros profissionais da rede intersetorial, para apoiar as crianças com TEA na escola?
- Qual a importância dessa parceria para o sucesso educacional e social das crianças com TEA?

A parceria de uma rede de apoio é fundamental para o desenvolvimento das crianças com autismo. Recentemente fomos chamados pela psicóloga de um dos meninos para dialogarmos e propor metas a atingir com ele, fizemos uma troca de experiência e informações muito importante e já tenho percebido que o trabalho conjunto com essa profissional tem feito a diferença para a criança, sua tolerância está aumentando, a compreensão dos limites, interação com outras crianças e adultos... Enfim, os benefícios são inúmeros.

6. Envolvimento dos Pais e Comunidade Escolar:

- Na sua concepção, qual é o papel dos pais no processo de inclusão escolar de crianças com TEA?
- Como você promove o envolvimento dos pais no desenvolvimento acadêmico e social de seus filhos na escola?

Na minha concepção a parceria dos pais é de suma importância para a vida escolar das crianças, especialmente quando se trata de inclusão escolar. Infelizmente em algumas situações, eu já vivenciei algumas várias vezes, famílias que apenas querem a criança na escola mas não se importam como a criança ficará lá, o que construirá, se a criança está emocionalmente apta a estar naquele ambiente nesse dia... Enfim, Já vivenciei também uma situação em que as profissionais que atendiam a criança (fonoaudióloga e psicóloga) iam na escola saber como a criança estava, buscavam construir uma verdadeira rede de apoio para a criança e a família. Nem sei se precisa dizer, mas obviamente, os avanços obtidos pela criança em questão foram muito significativos. Acredito que a família pode contribuir muito com o desenvolvimento da criança autista, principalmente ofertando a ela os atendimentos com profissionais

especializados (psicóloga, fonoaudióloga, neurologista...). Existem ainda, situações em que a família não reconhece a importância desses atendimentos, chegando a dispensá-los quando são chamados para serem atendidos de forma gratuita... São desafios que enfrentamos diariamente.

7. Formação e Capacitação Profissional:

- Que tipo de formação ou capacitação você participa em relação à educação inclusiva? E o que considera necessária a ser abordado para os professores que trabalham com crianças com TEA na Educação Infantil?

-Quais recursos ou programas de desenvolvimento profissional você recomendaria para outros educadores que desejam qualificar sua prática pedagógica na perspectiva inclusiva?

Esse ano foi o meu maior desafio em relação à docência inclusiva... Os alunos que tenho são extremamente diferentes dos que já tive (autistas), cada dia é um dia, cada situação tem um final diferente, tudo é muito incerto... Procuo assistir muitos vídeos de psicólogos, neurologistas e até mesmo pais de crianças autistas, o que fez toda a diferença para mim! Eu considero que nossa formação inicial é muito precária em relação à inclusão, mas estou buscando aperfeiçoar-me a cada dia, eu e minha colega monitora buscamos e compartilhamos os conhecimentos adquiridos diariamente e assim temos obtido bons resultados com essas crianças.

8. Benefícios da Inclusão para Todas as Crianças:

- Além dos benefícios para as crianças com TEA, na sua concepção, quais são os benefícios da inclusão escolar para todas as crianças na sala de aula?

- Como a convivência com a diversidade pode enriquecer o ambiente escolar e promover o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais em todas as crianças?

Para mim, a parte mais interessante da inclusão é a convivência das crianças umas com as outras. Percebo que as crianças neurotípicas identificam rapidinho que há na sala crianças diferentes, na minha turma esse ano, inúmeras vezes (quase todos os dias), um dos autistas chora, atira os brinquedos, se desestabiliza, mas os demais brincam, participam das propostas e, ainda, procuram tentar acalmar os amigos (é lindo de ver, e realmente acontece na prática). Na minha turma as crianças perceberam que as crianças autistas não costumam interagir com os outros, foi feita uma contação de história e diálogo sobre o autismo com todas as turmas da escola e depois dessa prática as minhas crianças costumam buscar frequentemente interagir com os autistas.

9. Desafios Futuros e Perspectivas:

- Quais são os desafios futuros e as perspectivas para a promoção da inclusão escolar de crianças com TEA na Educação Infantil?

- Que medidas você gostaria de ver implementadas para garantir uma educação mais inclusiva e equitativa para todas as crianças, independentemente de suas necessidades específicas?

Em conversa com a psicóloga que atende as crianças com necessidades especiais na APAE da nossa cidade, ela comentou que a cada dia mais tem crescido o número de autistas e crianças com outras deficiências/ transtornos do desenvolvimento. Acredito que o futuro da educação é ainda mais desafiador que nosso presente e para que haja esperança de uma vida mais digna para os nossos futuros cidadãos, sugiro o investimento na formação continuada, na assistência nas escolas de profissionais especializados na educação especial, a carência de funcionários especialistas é muito grande, o que dificulta nosso trabalho docente. Outra situação muito urgente é a função da busca e continuidade da assistência por profissionais especializados, pois muitas vezes as famílias não buscam esses atendimentos, acham desnecessários. E há uma

diferença significativa entre a criança que faz acompanhamentos e a que não faz. Isso é notório!

10. Conclusão:

- Quais são suas considerações finais sobre a importância do apoio à inclusão escolar para crianças com TEA na Educação Infantil?
- Existe alguma mensagem final que você gostaria de compartilhar com outros educadores, pais ou membros da comunidade sobre este tema?

Por fim gostaria de dizer que a inclusão, a educação em si é realmente desafiadora, mas, tratando-se de inclusão é preciso entender que a criança tem o direito de estar na escola e de ser bem acolhida nesse espaço, ser respeitada. Algumas vezes escutamos “mas essa criança não tem jeito para a escola regular, precisa estar em uma escola especializada”... Mas, essa escola, esse espaço preparado exclusivamente para receber esse público, não existe! Quando tem, é limitado! Sendo assim, concluímos que o lugar dessa criança é na escola! Na escola regular! E os adultos que escolheram estar ali precisam entender e respeitar esse direito que a criança possui... Toda criança tem direito de estar na escola!

ANEXO 3

Roteiro de Perguntas para Entrevista com Monitora de turma na Educação Infantil: Importância do Apoio à Inclusão Escolar para Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil

1. Introdução e Contextualização:

- Como você descreveria seu papel como monitora na educação infantil?

Meu papel como apoiadora na educação infantil é essencial para garantir o bem-estar e desenvolvimento do aluno dentro de suas habilidades e potencialidades.

- Você já teve experiências de trabalho com crianças com transtorno do espectro autista (TEA)? Se sim, poderia compartilhar algumas dessas experiências?

Sim, trabalho com alunos com TEA (transtorno do espectro autista) há cinco anos, confesso que no começo não foi fácil, mas ao longo dos anos você vai compreendendo como trabalhar com eles. Eu, ao longo dos anos, desenvolvi estudos mais aprofundados sobre o TEA, procurando aprender a como trabalhar com eles e o que eles precisam para melhor serem inclusos em estudos em sala de aula, visando prevenir as crises.

Este ano, estou desempenhando meu trabalho com dois alunos de TEA, estando os dois na mesma sala e sendo um deles, não verbal.

2. Experiência de Inclusão na Prática:

- Como você percebe a importância da inclusão escolar para crianças com TEA na educação infantil, com base em sua experiência de trabalho?

A inclusão da criança com TEA na educação infantil é muito importante, pois se desenvolve a autonomia, a socialização e suas habilidades.

- Você pode compartilhar algumas situações em que você viu a inclusão escolar fazer a diferença na vida de uma criança com TEA?

Uma das primeiras coisas que é feito quando temos um aluno com TEA na turma é a adaptação curricular, é criada estratégias para que o aluno sinta prazer em aprender e se desenvolver, superando suas dificuldades.

Ao decorrer desses meses, acompanhando um aluno autista, não verbal, conseguimos notar um crescimento em seu desenvolvimento e socialização.

3. Apoio às Crianças com TEA:

- Que estratégias você utiliza para apoiar a inclusão de crianças com TEA na sala referência ou em atividades extracurriculares?

Uma das estratégias que uso é a rotina, sendo ela: chegar em sala de aula e informar a eles o que haverá de atividades durante a manhã. As vezes nossos alunos que temos com TEA na sala de aula precisa de um tempo para caminhar na sala, outras vezes precisa até dar uma volta na rua para se organizar. Essa percepção do apoiador de AEE é bem importante.

- Como você ajuda essas crianças a se sentirem incluídas e aceitas pelos colegas?

Eu e a professora responsável, no início do ano, conversamos com a turma sobre inclusão e explicamos aos alunos que, às vezes, é necessário que os alunos com transtornos do espectro autista caminhem pela sala e que é necessário a colaboração deles para que não haja gritos no ambiente em que eles estão. Nesse sentido, os colegas aceitam e incluem eles muito bem.

4. Observação e Comunicação com os Educadores:

- Qual é o seu papel na observação e comunicação de possíveis necessidades ou desafios enfrentados por crianças com TEA aos educadores e profissionais especializados?

Em minha perspectiva, presumo que meu papel é de mediador, pois como sou eu que acompanho eles todos os dias, consigo observar onde os alunos têm dificuldades, facilidades e em que parte precisa ser feito uma adaptação para melhor desenvolver as atividades.

- Como você colabora com os educadores para garantir que as necessidades das crianças com TEA sejam atendidas da melhor forma possível?

Eu ofereço sugestões de adaptação de atividades, além de trocar ideias de como aplicar determinadas atividades para eles.

5. Desafios e Superando Barreiras:

- Quais são os principais desafios que você enfrenta ao apoiar a inclusão de crianças com TEA na educação infantil?

Os primeiros anos que eu trabalhei com TEA foram bem complicados porque a teoria se difere bastante da prática. No ambiente escolar, cada aluno com TEA tem suas estereotípias, suas particularidades, mas com o tempo você vai conhecendo a criança, logo, vai aprendendo o que eles precisam para desenvolver suas habilidades.

- Como é possível superar esses desafios e garantir um ambiente inclusivo para todas as crianças?

Uma criança com autismo precisa de uma rotina bem organizada, e é uma das coisas que tentamos manter, para que o nosso aluno não se desorganize. Procuramos compreender o tempo do aluno. Se em determinado tempo ele não quiser realizar a atividade proposta, não insistimos muito, logo após alguns minutos ou horas, ele acaba por querer realizar a atividade.

6. Colaboração com os Pais:

- Qual é o seu envolvimento com os pais das crianças com TEA? Como é feita a comunicação do percurso das crianças aos pais?

O meu envolvimento com os pais é somente comunicar como foi o dia da criança, se houve algum comportamento diferente dos outros, se conseguiu se alimentar ou se teve crises.

A comunicação do percurso da criança é feita através de reuniões, caso necessário, individuais, somente com a mãe do aluno, a professora do AEE, a professora da turma, a apoiadora e a direção. Se estiver tudo indo bem, é conversado somente na reunião de pais.

- Na sua concepção, de que forma os pais podem contribuir para a inclusão escolar de seus filhos com TEA?

A contribuição dos pais é essencial, pois são eles que conhecem as necessidades de seus filhos.

7.Desenvolvimento Pessoal e Profissional:

- Como o trabalho com crianças com TEA na educação infantil tem contribuído para o seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional?

O trabalho com TEA tem me ajudado a ser uma pessoa melhor, a me colocar no lugar do outro (no caso dos pais e alunos). Além de me ajudar bastante no desenvolvimento profissional, pois aprendo muito com eles e por eles.

- Que tipo de formação ou capacitação você considera importante para melhorar o apoio à inclusão de crianças com TEA?

Julgo que a pessoa precisa ter uma formação em educação especial e até mesmo em autismo para já possuir um conhecimento das facilidades e dificuldades que o aluno enfrenta, mas a pessoa aprende melhor na prática do dia a dia.

8.Impacto da Inclusão para Todas as Crianças:

- Além dos benefícios para as crianças com TEA, na sua concepção, qual é o impacto da inclusão escolar para todas as crianças na sala de aula?

Na turma em que trabalho, o aluno com TEA tem uma boa convivência com os colegas da turma. As crianças da turma ajudam a cuidar dele para que não se machuque. Eles, juntos, constroem uma cultura de tolerância e respeito às diferenças desde cedo.

- Como a convivência com a diversidade pode enriquecer a experiência educacional de todas as crianças?

As crianças, estando em contato com a diversidade, passarão a evoluir como seres humanos, aprendendo a respeitar e a ter paciência com outros colegas e pessoas.

9.Conclusão:

- Quais são suas considerações finais sobre a importância do apoio à inclusão escolar para crianças com TEA na educação infantil?

O apoio a inclusão escolar para crianças com TEA é muito importante pois proporciona a eles a oportunidade de participar da vida escolar com igualdade, além de desenvolver a empatia e o respeito dos colegas pelas crianças com transtorno do espectro autista.

- Existe alguma mensagem final que você gostaria de compartilhar com outros monitores, educadores ou pais sobre este tema?

A inclusão escolar envolve sensibilização e compreensão, precisamos ter empatia e conhecimento para desenvolver um bom trabalho e promover um ambiente de inclusão e amor as crianças com transtorno do espectro autista.

